

EDUCAÇÃO FÍSICA

ELAINE HITOMI KAMIMURA

**INCIDÊNCIAS DE PRÁTICAS GENERIFICADORAS EM
ESPORTES COLETIVOS COM E SEM CONTATO:
ESTUDO COMPARADO ENTRE HANDEBOL E
VOLEIBOL**



Rio Claro
2019

ELAINE HITOMI KAMIMURA

INCIDÊNCIAS DE PRÁTICAS GENERIFICADORAS EM ESPORTES
COLETIVOS COM E SEM CONTATO: ESTUDO COMPARADO
ENTRE HANDEBOL E VOLEIBOL.

Orientador: Prof. Dr. Carlos José Martins

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de bacharela em Educação Física

Rio Claro
2019

K15i Kamimura, Elaine Hitomi
Incidências de práticas generificadoras em esportes coletivos com e sem contato: estudo comparado entre Handebol e Voleibol. / Elaine Hitomi Kamimura. -- Rio Claro, 2019
54 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Carlos José Martins

1. Handebol. 2. Voleibol. 3. Gênero. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

“Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, que me deu forças para vencer todas as dificuldades. Aos meus pais e irmão por todo amor e carinho que recebi durante a elaboração desse trabalho. Também dedico ao meu grande companheiro que me impulsionou todos os dias com palavras de apoio”.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida e não somente nestes anos como universitária.

Aos meus pais pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Ao meu irmão por toda valiosa contribuição e ao meu companheiro por ser meu braço direito para tudo e sempre me impulsionar principalmente nos momentos mais difíceis.

Ao meu orientador Prof. Dr. Carlos José Martins, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, incentivos e paciência.

À todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim não somente por terem me ensinado mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

À Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho pois foi aqui que passei os melhores anos de minha vida a qual me proporcionou grandes experiências, aprendizados e amadurecimentos tanto pessoal como profissional! Meninas do handebol, vocês são mais incríveis do que imaginam ser! Obrigada por todos esses anos de grandes conquistas e descobertas! Handinóia, obrigada por toda paciência e aprendizado! Juntos vocês são imbatíveis! Meninas do futsal, vocês me fizeram redescobrir sentimentos e sensações! Nunca deixem que nos subestimem! Meninas do basquetinho, vocês são um exemplo aqui dentro dessa universidade! Associação Atlética Ayrton Senna da Silva, obrigada por todo acolhimento e trabalho desenvolvido! Vocês são uma das principais bases para que tudo isso que vivi aqui dentro fosse possível e palpável.

À todos os meus amigos, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte de minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza. Um agradecimento especial à Daiane, uma irmãzinha que a Unesp me deu de presente! Obrigada por cada apoio, cada palavra, cada incentivo, mas principalmente por toda amizade, companheirismo e por todos os momentos únicos e inesquecíveis! Sem você, nada disso teria sido possível da maneira como foi!

À todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

INCIDÊNCIAS DE PRÁTICAS GENERIFICADORAS EM ESPORTES COM E SEM CONTATO: ESTUDO COMPARADO ENTRE HANDEBOL E VOLEIBOL.

RESUMO

Esta pesquisa visa investigar como determinadas modalidades esportivas coletivas são objeto de determinadas práticas de atribuições de gênero de acordo com suas características. Entre essas características parece relevante destacar o grau de contato físico e emprego da força inerente a tais modalidades. Neste sentido, há uma tendência a atribuir como sendo masculinas e, por conseguinte mais adequadas para os homens, as modalidades cujo grau de contato físico e emprego da força são mais altos como por exemplo, o handebol, futebol e rúgbi. Por outro lado, às modalidades de menor grau de contato físico e emprego da força são atribuídas características femininas e maior adequação com as mulheres tendo, como exemplo emblemático, o voleibol. Esta investigação tem como objetivo identificar, através de uma comparação entre o Handebol e o Voleibol, a incidência de práticas discursivas de generificação dessas modalidades esportivas a partir da sua correlação com o grau de contato físico. Como procedimentos metodológicos foram adotados uma pesquisa documental e bibliográfica em periódicos online, revistas, portais eletrônicos, livros, sites das federações internacionais e confederações brasileiras de handebol e voleibol e materiais encontrados na biblioteca. Como resultados obtivemos que a generificação no esporte tem influências históricas, sociais, culturais, familiares e midiáticas. Mulheres praticantes de modalidades consideradas masculinizantes comumente sofrem essa generificação bem como homens praticantes de modalidades consideradas femininas tanto da sociedade quanto de seus familiares enquanto as mulheres praticantes de esportes consideradas femininas praticam normalmente essa generificação não somente na modalidade que joga, mas nas demais também.

Palavras-chave: *handebol; voleibol; generificação; contato físico; masculinização*

INCIDENTS OF GENERIFYING PRACTICES IN SPORTS WITH AND WITHOUT CONTACT: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN HANDBALL AND VOLLEYBALL.

ABSTRACT

This research aims to investigate how certain collective sports modalities are object of certain practices of gender assignments according to their characteristics. Among these characteristics it seems relevant to highlight the degree of physical contact and employment of the force inherent in such modalities. In this sense, there is a tendency to attribute masculine and, therefore, more appropriate for men, the modalities whose degree of physical contact and employment of force are higher, such as handball, soccer and rugby. On the other hand, the modalities of lesser degree of physical contact and employment of the force are attributed female characteristics and greater suitability with women having, as emblematic example, volleyball. This research aims to identify, through a comparison between Handball and Volleyball, the incidence of discursive practices of generification of these sports modalities from its correlation with the degree of physical contact. Methodological procedures included documental and bibliographical research in online journals, magazines, electronic portals, books, websites of international federations and Brazilian confederations of handball and volleyball, and materials found in the library. As a result we have obtained that the generification in the sport has historical, social, cultural, familiar and media influences. Women who practice masculinizing modalities commonly suffer from this generification, as well as men who practice women's modalities both from society and from their family members, while women who practice female sports usually practice this generification not only in the mode of play but in others as well.

Key-words: *handball; volleyball; generification; physical contact; masculinization*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVO	10
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	10
4. HANDEBOL	
4.1.A História do Handebol	12
4.2. Handebol no Brasil	14
4.3. O Brasil nas Olimpíadas	15
4.4. Regras do Handebol	16
4.5. Fundamentos do Handebol	20
4.6. A Generificação no Handebol	22
5. Voleibol	
5.1.A História do Voleibol	25
5.2. Voleibol no Brasil	27
5.3. O Brasil nas Olimpíadas	32
5.4. Regras do Voleibol	33
5.5. Fundamentos do Voleibol	42
5.6. A Generificação no Voleibol	44
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	47
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

1. INTRODUÇÃO

O Handebol é um esporte coletivo (do inglês, *hand* significa mão e *ball*, bola) e pode ser definido como um esporte de invasão onde duas equipes manejam a bola com as mãos a fim de invadir o campo adversário e alcançar a meta (fazer o gol) podendo ser praticado na praia (handbeach ou beach handball), no campo de futebol e em quadras cobertas.

Esse esporte surgiu da fusão de alguns elementos que estão presentes nas modalidades de Basquetebol e Futebol de Campo, porém com características e regras que os diferenciam.

Segundo Tenroller (2008), o Handebol se trata de uma das modalidades mais ricas como meio de educação, recreação, lazer ou como prática de alto nível, pois utiliza-se constantemente das habilidades motoras básicas como correr, saltar e arremessar além de permitir que seus praticantes desenvolvam várias capacidades físicas, psíquicas, sociais e morais como velocidade, resistência aeróbica, resistência anaeróbica, controle emocional, inteligência, agilidade entre outros e sendo considerado o segundo esporte coletivo mais rápido, perdendo somente para o Hóquei sobre o gelo.

Segundo a Confederação Brasileira de Handebol e a Federação Paulista de Handebol, em meados da década de 30 em consequência da Primeira Guerra Mundial, esse esporte como modalidade de campo foi introduzido em São Paulo principalmente pela colônia alemã. Em 1940 foi fundada a Federação Paulista de Handebol (a primeira Federação e considerada a mais importante até hoje) e até os meados da década de 60, essa modalidade ficou restrita nessa cidade quando o professor francês Auguste Listello durante um curso internacional que ocorreu em Santos, apresentou essa modalidade aos professores de outros estados. A prática de handebol disseminou-se em todo território nacional principalmente em 1971 quando o MEC o incluiu entre as modalidades dos Jogos Universitários Brasileiros e dos Jogos Estudantis Brasileiros (JUB's e JEB's). Em relação à participação das mulheres nessa modalidade, em 1973 a antiga Confederação

Brasileira de Desportos realizou na cidade de Niterói o Primeiro Campeonato Brasileiro Juvenil para ambos os sexos.

Segundo Teixeira (2016), alguns autores afirmam que dentro do cenário esportivo, determinadas modalidades são mais apropriadas ao gênero masculino e outras para o feminino, ou pior, que o ser homem ou o ser mulher podem se externalizar na prática. Essa visão pode gerar várias consequências desde a desvalorização e a falta de apoio a alguns desportos com atitudes discriminatórias que motivem a intolerância, o preconceito e até mesmo demonstrações de violência.

Goellner (2009) afirma que não são raros discursos que nomeiam algumas modalidades esportivas como masculinas como o rúgbi, skate, futebol, boxe, handebol, levantamento de peso, entre outros e por assim serem denominadas, não são facilmente recomendadas para a prática de meninas e mulheres tanto no âmbito do lazer, esporte que é ensinado em escolas e alto rendimento.

Como o handebol é uma modalidade que em sua jogabilidade possui muito contato físico, muitas vezes pode ser associado como um esporte agressivo. Fernandes (2016) comenta que esportes com alto grau de agressividade são comumente rotulados como esportes masculinos e as mulheres que praticam essas modalidades acabam sendo julgadas preconceituosamente.

Entretanto, o Voleibol (do inglês, *volley* significa voleio, rebatida e *ball*, bola) é também um esporte coletivo podendo ser praticado na praia (vôlei de praia) ou em quadras fechadas, sendo esta dividida ao meio por uma rede separando as duas equipes tendo como objetivo fazer com que a bola toque no chão da quadra adversária passando por cima da rede e ao mesmo tempo tentar evitar que esse adversário faça o mesmo.

Segundo a Federação Internacional de Voleibol, William G. Morgan em 1895 se mudou para Massachusetts onde teve oportunidade de estabelecer, desenvolver e dirigir um vasto programa de exercícios e aulas esportivas para adultos do sexo masculino. Aos poucos o número de pessoas em suas aulas cresceu muito e ele percebeu que precisava de um certo tipo de jogo recreacional

e ao mesmo tempo competitivo para variar seu programa e pensou no basquete, um esporte que começava a se desenvolver que parecia ser mais adequado aos jovens, entretanto ainda sentia a necessidade de encontrar uma alternativa menos violenta e menos intensa para o público mais velho. Então, ele desenvolveu através de seus próprios métodos de treinamento esportivo e sua experiência prática no ginásio da YMCA (Associação Cristã de Moços) vários experimentos e com a ajuda do Dr. Frank Wood, John Lynch e da firma da AG Spalding & Brothers, elaboraram a bola e os conceitos básicos do jogo juntamente com as dez primeiras regras da modalidade que conhecemos hoje em dia como Voleibol.

Segundo Marques Junior (2015), o voleibol chegou ao Brasil em 1916 sendo praticado pela primeira vez em São Paulo na Associação Cristã de Moços e em 1923, houve a primeira iniciativa de difusão dessa modalidade quando o Fluminense promoveu o primeiro torneio desse esporte. Em relação à participação das mulheres nessa modalidade é datada a partir da segunda metade do século XX.

Farias et al (2017) cita que atualmente o voleibol é uma das modalidades mais praticadas nas pequenas cidades juntamente com o futsal e o futebol, e que o voleibol foi considerado historicamente como mais apropriado para as meninas, visto que aos olhos de alguns, não exige tanta força e não se tem contato físico (ou se tem muito pouco), além da bola ser atacada com a mão em uma posição que dobre no final, posição esta considerada delicada, além desse esporte não desconfigurar a imagem feminina pois mantém seu ar de beleza e delicadeza. Cita ainda que as questões relacionadas com o gênero embutidas no esporte, categorizam viés masculino e feminino, apontando os caminhos que cada sexo deve seguir.

Goellner (2001) evidencia que masculino e feminino são construções históricas e sociais que surgiu na década de 70 em um contexto anglo-saxão a partir de algumas vertentes da segunda onda do feminismo (expressão que pode ampliar referências e analisar teorias quanto às possibilidades de explicar essas desigualdades e subordinações entre homens e mulheres), ou seja, não é apenas o sexo (biológico) que coloca diferenças entre homens e mulheres, mas os aspectos sociais, históricos e culturais também o estabelecem, justificando dessa

maneira essas desigualdades, atribuições de funções sociais e determinação de papéis a serem desempenhados por um ou por outro sexo. A autora afirma também que o termo ‘gênero’, quando olhado por uma ótica referenciada por algumas pesquisadoras como ‘sexo social’, desnaturaliza o que normalmente é considerado ‘normal’ e por isso, é polêmico, acaba incomodando, fazendo pensar e conseqüentemente invoca mudanças epistemológicas.

Segundo Andres (2013), o esporte generificado e generificador cujos corpos e espaços são marcados com base no que a “cultura define como masculino e feminino”, a prática por mulheres de “esportes socialmente considerados e representados masculinos como o handebol” (e femininos como o voleibol) remetem as nossas construções culturais, sociais e históricas e diante disto, para pensar nas construções de feminilidades e masculinidades imbricadas nas práticas corporais e esportivas, necessitamos de fundamentações teóricas nos estudos de gênero, para dessa maneira auxiliar na desnaturalização e pluralizar as formas de ser homem e mulher.

2. OBJETIVO

Esse trabalho tem como objetivo identificar, através de uma comparação entre o Handebol e o Voleibol, a incidência de práticas discursivas de generificação dessas modalidades esportivas a partir da sua correlação com o grau de contato físico.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho atenderá ao formato de uma pesquisa documental e bibliográfica, baseando-se em uma pesquisa da literatura científica do campo de

estudos de gênero para levantar e analisar os dados sobre o tema determinado além de imagens e reportagens.

Como material, utilizamos primeiramente uma dissertação de mestrado intitulada “A Mulher no Futebol: O Bullying e o Cyberbullying no Contexto de Gênero” de Teixeira (2016) como um norte e que pode ser encontrada na biblioteca da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Rio Claro bem como outras dissertações de mestrado e trabalhos de conclusão de curso e a partir das referências utilizadas pelos autores ampliou-se ainda mais os materiais utilizados, além de uma busca por fatores relevantes para essa temática abordada em artigos publicados em periódicos online como o Scielo e Google Acadêmico. Foram também realizadas leituras em diversas revistas como a revista brasileira de prescrição de fisiologia do exercício, revista da ciência do movimento, dos estudos feministas e entre outros com intuito de uma maior contemplação dos assuntos abordados neste trabalho.

Também foram consultados portais eletrônicos tais como o site trivinha, youtube, entre outros e livros específicos das modalidades pesquisadas encontradas online ou na biblioteca da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Rio Claro e sites da International Handball Federation (IHF), Fédération Internationale de Volleyball (FIVB) bem como nos sites das Confederações Brasileiras de Handebol (CBHb) e de Voleibol (CBV) e do Comitê Olímpico para elucidar dados oficiais sobre competições mundiais tanto históricos quanto estatísticos, sem a necessidade de uma pesquisa em campo.

Os dados coletados através de um levantamento de publicações voltadas a generificação esportiva foram publicadas principalmente nos anos 2000 até os dias de hoje, tendo também alguns artigos mais antigos. Para a seleção das pesquisas publicadas, foi feita uma leitura dos resumos, introdução e resultados e uma leitura completa dos trabalhos que de certa maneira poderiam contribuir com este presente estudo.

Trata-se de circunscrever as práticas discursivas e não discursivas presentes no material levantado, de forma a identificar efeitos e tendências de

generificação que aparecem produzindo sentidos e se materializando nos corpos das pessoas.

O Handebol foi escolhido pela autora por ser amante e praticante dessa modalidade há quase duas décadas e devido a isso viu como uma oportunidade e necessidade de contribuir cientificamente através de seu trabalho de conclusão de curso, pois infelizmente ainda são muito escassas na literatura trabalhos que abordem essa temática, ainda mais se tratando de práticas generificadoras que certamente muitas pessoas sofreram e/ou sofrem, assim como ela, seja no âmbito familiar quanto social ou profissional. Um dos pontos que sempre foi levantado por seus familiares em uma tentativa de impedi-la de praticar esse esporte foi o fato dele ser violento e conseqüentemente, masculinizante ou masculinizado e, decorrente disso a mesma resolveu pesquisar o quanto o contato físico ou a ausência dele poderia generificar uma modalidade, comparando assim o Handebol com o Voleibol.

4. HANDEBOL

4.1. A História do Handebol

Segundo a Confederação Brasileira de Handebol, quem primeiro citou essa modalidade foi Homero, na *Odisséia*, depois os romanos e foi a Alemanha quem a iniciou como é conhecida atualmente.

Na antiga Grécia, Homero relatou um jogo denominado “Urânia” que se utilizava de uma bola que tinha o tamanho de uma maçã, jogada com as mãos porém sem balizas em um campo. Segundo Cláudio Galero (130 – 200 DC), os romanos praticavam “Hasparton”, que também era jogado com as mãos. Rabelais (1494 – 1533), na França citava algumas atividades recreativas que eram praticadas como jogos semelhantes ao handebol. Em meados do século XVIII, em 1848, o dinamarquês Holger Nielsen inventava o “Haaddbold” na Dinamarca no Instituto de Ortrup, um jogo bastante parecido com o esporte atual com regras determinadas. Nesta mesma época os tchecos experimentavam um jogo semelhante, o “Hazena” enquanto na Irlanda eles praticavam algo parecido denominado “Sallon” introduzida pelo uruguaio Gualberto Valleta. Entretanto, o

“Raftball” foi o mais parecido com o handebol jogado hoje em dia, criado em 1890 na Alemanha e quem o levou para o campo foi o alemão Hirschmann, que era o secretário da Federação Internacional de Futebol em 1912.

No período da primeira Grande Guerra (1915 - 1918), o professor de ginástica berlinense Max Heiser criou o “Torball” para as operárias da Fábrica Siemens. Elas já praticavam ginástica com bola, e logo depois foram jogar ao ar livre tendo a bola como elemento principal e cada equipe era composta por onze atletas. E em 1918 o campo foi aumentado para as medidas de um campo de futebol pois os homens começaram a praticá-lo devido ao término da Primeira Guerra Mundial. Hoje em dia, este esporte é jogado completamente diferente pois os jogadores ficam de joelhos em uma quadra vendados tendo como objetivo arremessar a bola contra o gol adversário marcando gols.

Em 1919, o professor de Educação Física alemão Karl Schelenz reformulou o “Torball” alterando seu nome para “Handball”, jogado em um campo de futebol com balizas, composto por onze jogadores e com o objetivo de marcar gols com as mãos. Além da Alemanha, Schelenz conquistou também com essa nova modalidade os seus vizinhos Áustria e Suíça e em 1920, o handebol se tornou um esporte oficial pelo Diretor da Escola de Educação Física da Alemanha. Cinco anos mais tarde, a Alemanha e a Áustria realizaram o primeiro jogo internacional com a vitória de 6 a 3 dos austríacos. Neste mesmo ano, o Hazena era regulamentado na República Tcheca, um esporte muito parecido com o Handball porém com uma única diferença, cada equipe era composta por sete jogadores para cada lado.

Devido aos invernos rigorosos na Europa, os campos ficavam cobertos com a neve obrigando dessa maneira a paralização das partidas por um longo período. O handebol mal havia sido oficializado e já estaria sofrendo algumas alterações em suas regras e a primeira que se tem registro aconteceu na Suécia, onde o esporte passou a ser praticado em quadras fechadas e ao invés de onze jogadores, passou a ser jogado com sete como era no Hazena.

Na reunião de agosto de 1927 do Comitê de Handebol da Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF), foram adotadas as regras alemãs como oficiais e na 25ª sessão do Comitê Olímpico Internacional (COI) realizada no mesmo ano, foi feito um pedido de inclusão dessa modalidade no programa olímpico. Com o grande crescimento de países praticantes, o handebol se desvinculou da Associação Internacional de Federações de Atletismo em 1928 e foi fundada a Federação Internacional de Handebol Amador (FIHA) tendo como presidente, o americano Avery Brudage.

Em 1934, o COI decidiu que o handebol seria um dos esportes da Olimpíada de 1936 em Berlim na Alemanha como uma modalidade de demonstração, com a Alemanha vencendo a Áustria por 10 a 6 na final perante a cem mil pessoas no Olympia Stadium de Berlim. Dois anos mais tarde, também

na Alemanha, foi disputado o primeiro campeonato mundial com oito participantes no campo e quatro no salão.

Logo após o término da Segunda Guerra Mundial, os dirigentes de handebol se reuniram em Copenhague e fundaram a atual Federação Internacional de Handebol (IHF). Em 1948, os campeonatos mundiais foram reiniciados no campo para os homens e em 1949 para as mulheres e somente em 1954 nas quadras. O handebol voltou para o cenário olímpico somente nas Olimpíadas de 1952 em Helsinque na Finlândia novamente como um esporte de demonstração.

Nos Jogos Olímpicos de 1972, em Munique na Alemanha, o handebol foi definitivamente elevado à modalidade olímpica e incorporado ao programa dessa competição somente para as seleções masculinas, e apenas nos jogos Olímpicos de 1976 em Montreal no Canadá, as seleções femininas foram incluídas.

4.2. Handebol no Brasil

A Confederação Brasileira de Handebol juntamente com o Groll (autor da nota no site travinha, 2011) comentam que após o fim da Primeira Guerra Mundial, os imigrantes alemães trouxeram o handebol para as Regiões Sul e Sudeste do Brasil, principalmente para São Paulo pois foram onde eles mais se estabeleceram e assim como na Europa, essa modalidade era praticada em campos de futebol e com onze jogadores em cada equipe.

Aproximadamente vinte anos após o Brasil conhecer essa modalidade, foi fundada em 1940 a Federação Paulista de Handebol (FPH). Em 1954, o handebol passou a ser jogado em quadras de salão ao invés do campo de futebol e com isso foi criado o Primeiro Torneio Aberto disputado em um local improvisado no Esporte Clube Pinheiros em São Paulo, e nesta competição as dimensões da quadra eram de quarenta metros de comprimento e vinte metros de largura demarcados com cal e as traves eram de madeira.

O handebol ficou restrito a São Paulo até a década de 60, quando durante um curso internacional em Santos, o professor francês Augusto Listello apresentou essa modalidade aos outros professores de outros estados que passaram a introduzir o handebol em seus colégios.

Em 1971, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) da época, incluiu nos Jogos Estudantis Brasileiros (JEB's) o handebol em sua terceira edição que

ocorreu em Belo Horizonte, Minas Gerais e em 1972 nos Jogos Universitários Brasileiros (JUB's) em sua quarta edição que ocorreu em Fortaleza, Ceará e com isso, a modalidade foi disseminada em todo território brasileiro tendo vários estados dividindo os títulos nacionais. Em 1973 a antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD) realizou em Niterói o Primeiro Campeonato Brasileiro na categoria juvenil masculino e feminino e em 1974 em Fortaleza para a categoria adulta.

Em 1979, o handebol brasileiro se desvinculou da CBD para atender a uma determinação do MEC e foi fundada a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) devido a sua rápida expansão pelo território nacional. Essa sigla possui um “bê” minúsculo pois a Confederação Brasileira de Hipismo foi fundada antes, então a sigla CBH já existia. Um ano após a criação da CBHb em 1980, foi disputada e São Paulo então sede da entidade, a Primeira Taça Brasil de Clubes.

Em 1991, as Seleções Brasileiras Masculinas e Femininas participaram pela primeira vez dos Campeonatos Mundiais Juniores que ocorreram na Grécia e na França respectivamente.

Em 1996, o Brasil recebe o Troféu Hans Baumann por uma escolha unânime da Assembleia Geral da federação Internacional de Handebol como o país que mais contribuiu para o desenvolvimento dessa modalidade na década.

4.3. O Brasil nas Olimpíadas

Segundo o Comitê Olímpico Brasileiro bem como a Confederação Brasileira de Handebol, a estreia do handebol nas olimpíadas ocorreu apenas na edição de Barcelona, Espanha em 1992 com a Seleção Masculina que terminou em 12º lugar e em 1996, na Olimpíada de Atlanta ficou em 11º. Nessas duas edições, o Brasil acabou herdando a vaga após a desistência de Cuba.

A Seleção Feminina fez história, pois pela primeira vez conquistou a vaga para as olimpíadas pelos seus próprios méritos com a conquista do ouro nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, Canadá em 1999 classificando dessa maneira o Brasil para a Olimpíada de Sidney em 2000 onde terminaram em 8º lugar, despertando dessa maneira atenção no cenário mundial. Estes reconhecimentos internacionais pelo incrível trabalho desenvolvido pela CBHb renderam patrocínios e as atletas passaram a ser convidadas a atuar em várias equipes da Europa. Para esta edição, a Seleção Masculina não foi classificada.

Na Olimpíada de Atenas, 2004 ambas as seleções garantiram a sua vaga e com muito mais preparação, a Seleção Masculina terminou em 10º lugar e a Seleção Feminina em 7º. Para a Olimpíada de Pequim, 2008 ambas as Seleções conquistaram sua vaga nos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro de forma invicta, onde a Seleção Masculina terminou em 11º lugar e a Seleção Feminina em 9º porém com um número maior de participantes.

Na edição da Olimpíada de Londres em 2012, a Seleção Masculina não conseguiu se classificar, porém a Seleção Feminina novamente fez história pois se passaram para as eliminatórias após terem ficado em primeiro lugar na fase de grupos. Infelizmente a medalha não veio, mas elas terminaram em 6º lugar após terem a melhor campanha da modalidade na história dos Jogos Olímpicos.

Na edição da Olimpíada do Rio de Janeiro em 2016, tanto a Seleção Masculina quanto a Feminina acabaram perdendo nas quartas de final, conquistando o 7º lugar e o 5º lugar respectivamente.

4.4.1. Regras do Handebol

Segundo a Federação Internacional de Handebol, temos:

- As dimensões da quadra são de 40 metros de comprimento por 20 metros de largura.
- Os postes e o travessão da baliza possuem uma secção quadrada de 8 centímetros com 2 metros de altura e 3 metros de largura podendo ser de madeira ou de ferro. As três faces visíveis da quadra devem ser pintadas com faixas alternadas em duas cores que contrastem entre si e com o fundo da quadra.
- A duração de uma partida para todas as equipes com jogadores de idade igual ou acima de 17 anos é de dois tempos de 30 minutos com um intervalo de 10 minutos entre um tempo e outro. Nos Campeonatos Mundiais, esse tempo é de 15 minutos.
- Cada equipe tem o direito de receber três tempos técnicos de 1 minuto, sendo que em cada período é permitido que a equipe use no máximo dois tempos técnicos.

- A bola deve ser esférica feita com couro ou material sintético. Todas as regras são iguais para homens e mulheres com exceção do tamanho e peso da bola. Para homens com idade acima de 16 anos, a bola tem de 58 a 60 centímetros de diâmetro com peso de 425 a 475 gramas (tamanho 3 da IHF). Para mulheres com idade acima de 14 anos e equipes masculinas com idade entre 12 e 16 anos, a bola tem de 54 a 56 centímetros de diâmetro com peso de 325 a 375 gramas (tamanho 2 da IHF). Para equipes masculinas de 8 a 12 anos e femininas de 8 a 14 anos, é utilizada uma bola de 50 a 52 centímetros de diâmetro com peso de 290 a 330 gramas (tamanho 1 da IHF).
- Uma equipe consiste em até 16 jogadores, sendo permitido não mais do que 7 jogadores presentes em quadra de jogo ao mesmo tempo e os demais são suplentes. Para o início da partida, uma equipe deve ter pelo menos 5 jogadores em quadra, mas no decorrer desta, a equipe pode ficar com menos de 5 sendo o mínimo delimitado pelos árbitros que julgarão se e quando uma partida deveria ser definitivamente suspensa.
- Os jogadores suplentes podem entrar em quadra a qualquer momento e repetidamente sem avisar o cronometrista desde que o jogador a ser substituído já tenha saído da quadra e os jogadores envolvidos realizem a substituição na Zona de Substituição (essa regra vale para os goleiros também). Se o jogador que estiver saindo ou entrando não cumprir com alguma regra descrita acima, será penalizado por 2 minutos, ou seja, este jogador não poderá entrar em quadra por 2 minutos e por este mesmo tempo a equipe jogará com um jogador a menos.
- O goleiro pode tocar a bola com qualquer parte do corpo sempre que estiver em uma tentativa de defesa dentro da sua área de gol podendo também se mover com a posse de bola sem estar sujeito às regras aplicadas aos jogadores da linha.
- Se o goleiro tocar na bola e esta sair pela linha de fundo, a posse será do goleiro, mas se a bola tocar na equipe defensora e esta sair pela linha de fundo, a posse será da equipe atacante novamente devendo ser cobrado um tiro lateral.
- Em relação ao manejo, é permitido lançar, agarrar, parar, empurrar ou golpear a bola usando as mãos (abertas ou fechadas), braços, cabeça, tronco, coxas e joelhos.
- O jogador quando não está em movimento, pode segurar a bola por no máximo 3 segundos.

- Dar no máximo 3 passos salvo na finta de 5 ou 6 passadas (porém, após os 3 passos, é necessário quicar a bola uma vez para dar as demais passadas).
- Não é permitido tocar a bola mais de uma vez depois que ela foi controlada, ou seja, se estiver driblando a bola e depois dar os três passos, não pode dar mais de um quique no chão, bem como tocar a bola com os pés ou com a perna abaixo do joelho.
- Não é permitido manter a bola em posse sem realizar nenhuma tentativa reconhecível de ataque ou arremesso à baliza. Isso é chamado de jogo passivo, e se isso for reconhecido, o árbitro sinaliza e a equipe que está com a posse da bola tem que definir o ataque em até 6 passes.
- É permitido usar uma mão aberta para tirar a bola da mão de outro jogador, bem como usar os braços flexionados para fazer contato corporal com um adversário tentando controlá-lo e acompanhá-lo e usar o tronco para bloqueá-lo na luta pela posição (bloquear significa impedir que um adversário se mova para um espaço vazio).
- Não é permitido arrancar ou golpear a bola que está nas mãos do adversário bem como correr ou saltar sobre este, bloquear ou empurrá-lo com os braços, mãos, pernas ou usar qualquer parte do corpo para deslocá-lo ou empurrá-lo para fora da posição (isto inclui o uso perigoso dos cotovelos, seja em uma posição de início de movimento), não é permitido também agarrar um adversário (no corpo ou pelo uniforme) mesmo se permanecer livre para continuar o jogo.
- As infrações onde a ação é principalmente ou exclusivamente dirigida ao corpo do adversário devem implicar uma sanção disciplinar, isto é, além do tiro livre ou tiro de 7 metros, pelo menos uma infração deve ser sancionada progressivamente começando por uma advertência com cartão amarelo, seguido por exclusão por 2 minutos e uma desqualificação com cartão vermelho.
- Para julgar qual sanção disciplinar é mais adequada, aplicam-se alguns critérios como a posição do jogador que comete a infração (se estava frontal, lateral ou por trás), a parte do corpo contra a qual é dirigida a ação ilegal (tronco, braço de arremesso, pernas, cabeça/garganta/pescoço), a dinâmica da ação ilegal (a intensidade do contato corporal ilegal e/ou uma infração cometida quando o adversário está completamente em movimento), o

impacto que esta ação teve sobre o corpo e o controle da bola, a diminuição da capacidade de locomoção ou a impossibilidade desta que esta ação provocou ou o impedimento da continuidade do jogo.

- Infrações cometidas com alta intensidade ou contra um adversário que está correndo em grande velocidade, agarrar um adversário por um longo tempo ou derrubá-lo, infrações contra a cabeça, garganta ou pescoço, golpes fortes contra o tronco ou braço de arremesso, tentar fazer com que o adversário perca o controle corporal (por exemplo, agarrar a perna ou pé de um adversário que está saltando), correr ou saltar com grande velocidade sobre um adversário são exemplos de situações onde uma exclusão direta por 2 minutos são aplicadas.
- Um tiro de 7 metros é como se fosse uma cobrança de pênalti no futebol, e é concedida quando uma clara ocasião de marcar um gol for impedida de forma anti-regulamentar em qualquer lugar da quadra por um jogador ou oficial da equipe adversária, se houver um apito não justificado no momento de uma clara ocasião de gol ou se uma clara ocasião de gol for impedida através da intervenção de uma pessoa não participante do jogo.
- Um gol será considerado quando a bola ultrapassar completamente a linha de gol desde que nenhuma infração às regras tenha sido cometida pelo arremessador ou por algum outro jogador ou oficial de sua equipe, antes ou durante o arremesso.
- Por cada partida, temos dois árbitros com igual autoridade que são assistidos por um secretário e um cronometrista. Os árbitros monitoram a conduta dos jogadores e dos oficiais de equipe desde o momento que adentram no recinto da partida até o momento de saírem, inspecionam a quadra de jogo, balizas, as bolas, uniforme sobre quaisquer tipos de irregularidades. O cronometrista tem como responsabilidade principal controlar o tempo de jogo e os tempos de exclusão dos jogadores penalizados. E o secretário tem como responsabilidade principal controlar a lista de jogadores, a súmula de jogo, a entrada e saída de jogadores que chegam após o início da partida. Outras tarefas como controle de número de jogadores, oficiais de equipe, zona de substituições e a entrada ou saída de jogadores suplentes são consideradas como responsabilidade compartilhada.

4.4.2. Os Fundamentos do Handebol

Segundo Oliveira (2013), a técnica e a tática são quem viabilizam toda concepção do jogo juntamente com uma série de atributos pessoais como capacidades físicas, habilidades motoras gerais e específicas além dos aspectos cognitivos. No handebol temos uma série de técnicas chamadas de fundamentos ou gestos técnicos e elas se dividem entre aquelas que são utilizadas no ataque e na defesa. No entanto, inicia-se pelo controle de corpo durante a realização dos movimentos específicos que envolvem a prática como por exemplo, o equilíbrio, saídas rápidas, paradas bruscas, mudança de direção, deslocamentos, saltos, aterrissagens e entre outros. Dentre os fundamentos de ataque, temos o passe, a recepção, a empunhadura, as progressões (dribles, ritmo trifásico e duplo ritmo trifásico), o arremesso e as fintas. Já nos fundamentos de defesa, temos a posição básica defensiva, bloqueio defensivo, marcação por impedimento e as diferentes técnicas de goleiro.

O Passe seria o ato de passar a bola para um companheiro de equipe, podendo ser realizada de ombro, por trás do quadril, por trás da cabeça, em pronação, pendular e suas variações.

A recepção é o gesto de receber e controlar a bola, amortecendo-a e retendo-a de maneira assertiva nas diferentes situações em que os jogadores forem solicitados, sendo essenciais nas preparações das finalizações ao gol e na manutenção da posse de bola tanto no ataque como na defesa podendo ser realizada com uma ou ambas as mãos, em movimentação ou parado. Existem seis tipos de recepção, sendo essas a recepção alta, baixa, média, em deslocamento, em suspensão e no solo.

A empunhadura seria a forma correta de segurar a bola, podendo ser com ambas as mãos ou somente com uma.

As progressões seriam aquelas ações que tem como objetivo progredir em direção a quadra adversária em posse de bola a fim de conseguir o melhor posicionamento dentro das variantes ambientais oferecidas pelo jogo, podendo ser estas o drible, o ritmo trifásico e o duplo ritmo trifásico.

Os dribles consistem no ato de bater a bola no chão, conduzindo-a quando deseja-se locomover em posse dela de um ponto da quadra para outro podendo ser de dois tipos diferentes, sendo estas o drible alto e o baixo. O drible alto é comumente utilizado quando o jogador está em alta velocidade como por exemplo em um contra-ataque e o drible baixo é utilizado normalmente para proteger a bola.

O ritmo trifásico consiste na progressão mais realizada durante a prática de handebol pois consiste em até três passadas que o jogador, quando em posse

de bola, realiza independente da perna utilizada tendo como possibilidades esquerda + direita + esquerda (a mais comum entre os que utilizam a mão direita para arremessar), direita + esquerda + direita (a mais comum entre os que utilizam a mão esquerda para arremessar), direita + direita + esquerda, esquerda + esquerda + direita, esquerda + direita + direita e direita + esquerda + esquerda ou somente esquerda + direita ou direita + esquerda.

O duplo ritmo trifásico seria uma variação do ritmo trifásico, conhecida também como finta de cinco ou seis passadas ou dupla passada, que consiste na realização do ritmo trifásico seguida de um único drible e a realização de mais duas ou três passadas com o intuito de arremessar a bola ao gol, passar a bola para um companheiro ou com o intuito de fintar o adversário.

O arremesso é um fundamento técnico onde o jogador em posse de bola lança a bola em direção ao gol da equipe adversária com o intuito de marcar o gol, podendo ser de três tipos diferentes, sendo estas o arremesso básico, com salto ou com queda.

As fintas seriam o ato de ludibriar o adversário com um ou vários movimentos podendo ser com ou sem a posse de bola, tendo uma infinidade de possibilidades tais como a finta braço, de corpo, de arremesso, de passe, de drible, para fugir de uma marcação, de mudança de direção e entre outros.

A posição básica defensiva consiste em um posicionamento que favorece todos os deslocamentos dos defensores para realizar a marcação.

O deslocamento básico defensivo seria o ato do defensor se deslocar, podendo ser em direção ao atacante correspondente (ele estando ou não com a posse de bola) ou em direção a um espaço proporcionado por outro defensor em fase de marcação.

O bloqueio defensivo é basicamente utilizado para interceptar uma bola lançada ao gol (considerada também como o recurso final de um defensor de linha).

A marcação por impedimento é a maneira com que o defensor evita as ações do atacante segurando com uma das mãos o braço do arremessador e com a outra mão o quadril.

As técnicas de goleiro seriam aquelas que os goleiros se utilizam para impedir que o adversário consiga marcar o gol, sendo defesas altas, baixas ou de meia altura podendo estar com os dois pés no chão, apenas com um só ou em suspensão. Para que este jogador possa ter uma boa eficácia, temos que nos atentar a alguns outros requisitos que ele necessita como flexibilidade, explosão, força e tempo de reação rápido. As defesas altas são aquelas que o goleiro intercepta as bolas que vem acima da linha de seus ombros podendo ser efetuadas com uma ou ambas as mãos saltando ou não. As defesas baixas são

aquelas que as bolas que vem abaixo da linha de seu joelho, podendo ser realizada com os pés, com a mão ou simultaneamente com o pé e a mão com ou sem queda (quando há uma queda para realizar a defesa, normalmente chamamos de esquadro quando realizada apenas com uma das pernas e braços, mas quando realizado com ambas as pernas e braços, chamamos de “X” no chão ou zerinho pois o goleiro cai no chão com os braços e pernas abertos). As defesas meia altura são aquelas que o goleiro intercepta a bola arremessada que vem na área entre a linha dos ombros e dos joelhos podendo ser realizada com as mãos, pernas, mãos e pernas ou quadril estando com ambos os pés no chão, somente com uma ou completamente em suspensão (esse tipo de defesa é conhecida normalmente como defesa em “X” quando o goleiro salta com os braços e as pernas abertas com o intuito de diminuir a área de arremesso do adversário).

4.5. A Generificação no Handebol

Segundo Silva et al (2006), no desporto, como em várias outras dimensões culturais, o masculino e o feminino possuem valores diferentes e a predominância do masculino nesta dimensão possui raízes históricas, culturais e políticas. O corpo como sujeito é entendido como toda atividade física, representando o corpo-sujeito normalmente atrelada aos homens e a cultura patriarcal acabou definindo as mulheres como objeto, ou seja, corpo-objeto. Então, quando tentamos associar as mulheres ao desporto, a cultura acaba considerando isto como incompatível, sendo estas excluídas dos símbolos, práticas e instituições desportivas e quando participavam, ou não era considerado como um verdadeiro desporto ou como aconteciam em alguns casos, elas não eram vistas como mulheres sendo necessário provar constantemente a sua heterossexualidade.

Segundo Adelman (2003), a construção das noções de corporalidade feminina estavam entrelaçados com as relações de classes, gênero e raça, e a verdadeira feminilidade era vinculada a um status social de elite onde mulheres eram meigas, gentis e fisicamente frágeis até o início do século XX, enquanto os demais grupos das mulheres trabalhadoras não eram poupadas de trabalhos duros. Já no modelo hegemônico, surgiram normas que delimitaram o campo de práticas femininas socialmente aceitas com grande força. No Brasil, aquele controle sobre o corpo e a sexualidade feminina que existiam na época colonial foi cedendo espaço gradualmente a uma ideologia da família, característica esta da cultura burguesa. No final do século XIX, essas normas estavam fortemente arraigadas e internalizadas pelas mulheres especialmente as da classe média e da

elite onde se dedicavam integralmente aos afazeres domésticos, como mães e esposas sendo completamente limitadas em relação as outras oportunidades, desempenhando um papel de guardiã do lar, tendo como função a missão de serem reprodutoras. A elegância e a delicadeza eram altamente valorizadas como atributos femininos e as práticas físicas permitidas eram restritas àquelas que conciliavam com as ideias que prevalecessem sobre essa natureza fraca do corpo e do sistema reprodutivo feminino. Somente no final do século XIX esse cenário foi se modificando timidamente quando Rui Barbosa em 1882 realizou uma proposta onde as escolas primárias deveriam abrir uma seção especial de ginástica, tendo em vista a harmonia das formas dos corpos femininos e as exigências da maternidade futura, ou seja, corpos saudáveis para gerarem filhos saudáveis. Entre os anos de 1941 a 1975 vigorou o Decreto-Lei 3.199 onde foi estabelecido as bases das organizações dos esportes no Brasil e havia um artigo que colocava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Na atualidade, mesmo com várias conquistas através de árduas lutas das mulheres, alguns esportes continuam sendo avaliados em termos de gênero incluindo aqueles que se tornaram unissex quanto aqueles que são vistos como potencialmente masculinizante para as mulheres.

Goellner (2006) diz que o mundo esportivo é permeado por ambiguidades onde homens e mulheres se desassossegavam e se fascinavam, pois contestavam os discursos legitimadores dos limites e condutas apropriadas a cada sexo através de seus rituais, vibrando a tensão entre a liberação do controle das emoções e das representações de masculinidade e feminilidade. Esse temor fez com que General Newton Cavalcanti em 1941 apresentasse ao Conselho Nacional de Desportos, instruções necessárias para a regulamentação da prática esportiva feminina, que serviram de base para a elaboração de um documento que interditou a prática de lutas, boxe, salto com vara, salto triplo, decatlo e pentatlo às mulheres, e outras sendo permitidas desde que praticadas dentro de determinados limites, dizendo ainda “deve ser terminantemente proibida a prática do futebol, rugby, pólo, water pólo, por constituírem desportos violentos e não adaptáveis ao sexo feminino.” Mesmo que esse documento e outros muitos que foram criados posteriormente se tornassem oficiais, essas práticas esportivas seduziam e desafiavam muitas mulheres, que acabaram aderindo a essas práticas indiferentes às convenções morais, sociais e do discurso hegemônico dessas interdições. Além de toda essa preocupação com os diferentes danos físicos que esses esportes poderiam causar, há também uma apreensão quanto à masculinização das mulheres, onde não apenas as alterações no comportamento e na conduta poderiam se alterar, mas também sua aparência afinal, julgava-se/ julga-se o quão feminina uma mulher pode ser através da exterioridade de seu corpo.

Segundo Knijnik e Simões (2000), o handebol é um esporte coletivo, de rendimento e que as regras são semelhantes tanto para homens quanto para mulheres diferindo somente no tamanho e no peso da bola. Devido as dimensões da quadra e das características da bola como por exemplo, poder segurá-la somente com uma das mãos e da facilidade em ser driblada, essa modalidade é considerada como um esporte que imprime uma grande velocidade ao jogo pois podemos lançar a bola de uma ponta da quadra para outra com apenas um único passe. O objetivo final do jogo seria a marcação do gol, mas para que isso aconteça, há um objetivo prévio a esse, que seria o de conseguir uma posição e armar uma situação que facilitem que esse gol seja realizado. Então podemos observar uma espécie de luta no sentido de se conseguir essa posição favorável para quem está no ataque contra uma defesa que vai tentar impedir que se consiga ocupar aquela posição almejada resultando assim em um quadro de grande contato físico, então é muito importante ter braços muito fortes tanto para arremessar quanto para segurar o adversário bem como pernas fortes e potentes para atuar com velocidade dentro de quadra. Esses autores citam também que Bayer (1974) encontrou a existência de traços de personalidades que são muito significantes entre atletas de handebol, sendo estas a agressividade e a expressividade. Tendo em vista todas essas características dessa modalidade tais como rudeza, agressividade, contato corporal tanto na linha da cintura pélvica quanto na região da cintura escapular, choques de ombro, troca de empurrões e entre outros movimentos que não são nada carinhosos, as atletas para se diferenciarem perante aos outros e para reafirmar sua identidade principalmente para si mesmas, muitas vezes se apropriam do “discurso da beleza e do corpo feminino” de Guthrie & Castelnuovo (1994) que seria essa procura em se diferenciar e se mostrar como mulher através de vestuários e da beleza que são “inerentes” ao seu gênero, uma beleza heterossexual.

Segundo Andres (2014), o esporte generificado e generificador cujos corpos e espaços são marcados com base no que a “cultura define como masculino e feminino”, as mulheres que praticam “esporte socialmente considerados e representados masculinos como o futebol e o handebol”, sentem uma necessidade de “serem aceitas tanto como mulheres quanto atletas de elite”, ou seja, mesmo que elas pratiquem esportes que requerem força física, agilidade, agressividade e confronto, atributos estes considerados como masculinos, estas devem trabalhar para manter sua feminilidade através do cuidado com o seu corpo e de seu embelezamento “e mesmo assim, mulheres atletas têm de lutar constantemente com a idéia de que sua feminilidade e graciosidade estarão irremediavelmente comprometidas em função da prática competitiva do esporte”. A autora cita também que equipes femininas tem se apropriado mais da prática desta modalidade buscando uma maior qualificação desde as categorias de base, e deve ser por este motivo que a Seleção Feminina de Handebol tenha obtido resultados tão favoráveis principalmente no cenário mundial. Porém, mesmo com esse aumento da visibilidade e estruturação, ainda não conseguimos manter

as jogadoras de alto nível atuando em equipes brasileiras. Andres também retrata no início de seu estudo a fala de Alexandra Nascimento, a primeira atleta entre homens e mulheres do Brasil a receber o prêmio de melhor jogadora de handebol do mundo, que diz “No Brasil, infelizmente, handebol não é como futebol. Para ser jogadora profissional, tem que ser aqui na Europa, não tem jeito. Estou aqui faz 9 anos, jogando e treinando contra os melhores jogadores. Precisa ter esse contato. Na Europa, a gente treina duas vezes por dia. No Brasil, a gente não treina nem todos os dias da semana. Você não podia se entregar 100% ao esporte, porque não dá para viver do handebol, como eu faço aqui na Europa. A situação no Brasil está melhorando agora, com a bolsa-atleta. Quando eu comecei, não tinha dinheiro para pagar passagem, comer direito, nada”. Sua fala retrata a situação em que o Brasil se encontra, sendo necessário que exista uma ligação maior entre esporte - mídia – público, pois esses três elementos podem alavancar o sucesso do handebol pois o esporte estando na mídia, terá uma maior visibilidade, conseqüentemente um maior interesse pelo público (tanto masculino quanto feminino) além de chamar atenção de patrocinadores.

5. VOLEIBOL

5.1. A História do Voleibol

Segundo a Federação Paulista de Volleyball, Mezzaroba e Pires (2011) e o site A Origem das Coisas, o Mintonette (ou Minonette) foi criado pelo diretor do Departamento de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), William George Morgan, em 1895 na cidade de Holyoke, Massachusetts localizada nos Estados Unidos.

Naquela época, o basquete (que fora criado quatro anos antes, em 1891) estava fortemente popularizado, pois era um esporte que poderia ser praticado quando a neve impossibilitava aos esportistas, porém ainda havia a necessidade de se ter uma atividade que fosse competitiva sem a existência de contato físico e ser recreativo ao mesmo tempo para contemplar também as pessoas de idade, que achavam o basquete um jogo muito cansativo. Desafiado pelo pastor Lawrence Rinder, Morgan idealizou um jogo menos fatigante e que não necessitasse de acessórios para a sua prática, pegando alguns elementos presentes no handebol, basquete e tênis. Batizado de Mintonette, esse jogo foi configurado como um jogo de rebater, utilizando-se de uma rede fixada a uma altura de 1,98 metros além de dez regras básicas criadas com a ajuda de dois amigos, o Dr. Frank Wood e John Lynch. Em relação à bola, inicialmente foi

testada a câmara da bola de basquete, porém ficou demasiadamente leve e lenta deixando o desporto apático e sem emoção, então tentaram depois a bola de basquete completa, que era naturalmente pesada demais e de tamanho inadequado. Como uma solução, Morgan solicitou à empresa Spalding & Brothers para confeccionar uma bola que fosse leve para se jogar com as mãos e suficientemente sólida para ser rápida (curiosamente, a Spalding conseguiu criar uma bola que cumprisse tanto com os requisitos da modalidade que ela é praticamente idêntica as usadas atualmente).

A idéia do Mintonette foi bem aceita pelos alunos daquela instituição, e no início, esse esporte ficou restrito à cidade de Holyoke e ao ginásio da ACM, e com as regras e conceitos muito bem definidos, Morgan marcou uma conferência onde deu uma cópia manuscrita destas e entregou a todos os professores como uma maneira deles o ajudarem a divulgar a prática dessa nova modalidade. Um ano mais tarde Morgan foi convidado pelo Diretor da Escola para Trabalhadores Cristãos da ACM de Springfield para demonstrar a sua criação em uma Conferência dos Diretores dos Departamentos de Atividades Físicas das ACMs. Antes da demonstração, Morgan explicou a todos que esse novo esporte era para ser jogado principalmente em espaços cobertos e com um número limitado de atletas em cada equipe e que o objetivo principal era manter a bola no ar sempre em movimento por cima da rede de um lado para o outro. Duas equipes de Holyoke realizaram a demonstração e após o término desta, virou sensação na conferência gerando discussões muito entusiasmadas e Alfred T. Halstead, que tinha estado a assistir, ao reparar na ação do vôo da bola, sugeriu a Morgan que o nome dessa modalidade seria mais adequado se fosse Volley Ball, já que a bola permanecia em constante voleio sobre a rede. Morgan aceitou essa sugestão, e dessa maneira essa modalidade começou a ser difundida por Springfield e outras cidades de Massachussetts e da Nova Inglaterra.

Em 1896 foi publicada em Búfalo, Nova Iorque o primeiro artigo sobre o Volley Ball escrito por J. Y. Cameron na edição do Physical Education, onde trazia um pequeno resumo sobre a modalidade bem como de suas regras de maneira geral, e no ano seguinte estas mesmas regras foram inclusas oficialmente no primeiro handbook oficial da Liga Atlética da Associação Cristã de Moços da América do Norte.

A primeira quadra de Voley Ball tinham 15,24 metros de comprimento por 7,62 metros de largura, com a rede de 0,61 metros de largura, 8,235 metros de comprimento e 1,98 metros de altura (do chão ao bordo superior). A bola era de borracha com uma cobertura de lona ou couro de cor clara e tinha uma circunferência de 63,7 a 68,6 centímetros com peso de 252 a 336 gramas.

O Volley Ball foi se difundindo e crescendo rapidamente no cenário mundial devido aos núcleos internacionais da Academia Cristã de Moços e das forças armadas americanas, chegando no Canadá (primeiro país fora dos Estados

Unidos) em 1900, Cuba em 1905, Filipinas em 1908, Porto Rico, Uruguai, Argentina, Japão e China em 1912, Brasil em 1915 ou 1916, Europa em 1916 e México em 1917. O primeiro país da América do Sul a conhecer o Volley Ball foi o Peru em 1910 através de uma missão governamental que tinha como finalidade organizar a educação primária do país.

Com a proposta de difundir a modalidade ao mundo bem como defender aos interesses de suas federações nacionais, foi criada pelo Brasil, França, Itália, Tchecoslováquia, Estados Unidos, Bélgica, Turquia, Israel, Holanda, Portugal, Romênia, Uruguai, Líbano, Polônia, Egito, Hungria e Iugoslávia em 20 de Abril de 1947, em Paris, a Federação Internacional de Volley Ball (FIVB) tendo como primeiro presidente, o francês Paul Libaud.

Em 1952, a Associação de Volley Ball dos Estados Unidos decidiu juntar as duas palavras em uma só, passando a se chamar Volleyball, e foi nesse ano também que essa modalidade foi aberta à participação das mulheres.

Em Setembro de 1962 o volleyball foi considerado um esporte olímpico no Congresso de Sofia e sua primeira disputa foi na Olimpíada de 1964 em Tóquio com presença de 10 países nas equipes masculinas, tendo como primeiro campeão olímpico a Rússia, com a Tchecoslováquia em segundo colocado e Japão em terceiro. Já nas femininas, a primeira equipe campeã olímpica foi o Japão, Rússia com a segunda colocação e a Polônia em terceiro.

Ao longo de todos esses anos, muitas regras novas foram sendo adicionadas bem como outras eliminadas e algumas aperfeiçoadas tornando-se dessa maneira, um jogo muito mais veloz e com menos interrupções.

5.2. O Voleibol no Brasil

Segundo a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) e Junior (2012), o voleibol chegou ao Brasil no ano de 1915 sendo jogado pela primeira vez em Pernambuco, no Colégio Marista de Recife, porém essa informação possui algumas divergências, pois outros estudiosos dizem que essa modalidade chegou ao nosso país no ano de 1916 sendo praticado pela primeira vez na Associação de Cristãos e Moços de São Paulo. Em 1923, houve a primeira iniciativa para difundir esse esporte no Brasil quando o Fluminense promoveu o primeiro torneio aberto para os membros da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, sendo este o primeiro clube profissional desta modalidade. Em 1944, aconteceu o Primeiro Campeonato Brasileiro de Voleibol e em 1955, o Primeiro Campeonato Sul-Americano e em 16 de Agosto de 1954, foi fundada a

Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) que até então era representada pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD). A CBV foi muito importante pois promoveu muitos cursos para difundir essa modalidade e também foi a principal responsável pela criação de diversas escolinhas de vôlei.

Nos anos 60, Santos e Botafogo eram as equipes que dominavam o voleibol masculino e o time que mais revelava craques com resultados expressivos era o Fluminense. Outro bom desempenho do Brasil nessa modalidade ocorreu nesta mesma época com o quinto lugar da seleção masculina no Mundial do Rio de Janeiro.

Nos anos 70, um marco significativo significou a evolução do nosso voleibol e da Educação Física, pois Tubino e Rocha inseriram a preparação física com embasamento científico na seleção brasileira e alguns clubes também aderiram a essa idéia (como no caso do Fluminense onde Tubino atuou como preparador físico) e os treinadores passaram a adotar o modelo de periodização tradicional de Matveev, pois nessa época o Brasil teve um convênio com a Alemanha Ocidental onde eles aprenderam esse modelo bem como a aplicação de vários testes físicos nos atletas.

Em 1975, Carlos Arthur Nuzman assumiu a presidência da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) e em sua gestão modernizou a entidade. Em 1976, Fernando Beltrão foi o primeiro professor de Educação Física a adquirir o título de Doutor e juntamente com outros professores que também saíram do país a fim de adquirir o título de Mestre ou Doutor, contribuíram diretamente e indiretamente com o conhecimento científico que foi aplicado aos treinamentos do voleibol brasileiro. Com toda essa evolução científica da educação Física, dos treinadores competentes, de atletas dedicados e talentosos e da direção que aspirava evolução da CBV, o voleibol brasileiro começou a colher então resultados satisfatórios.

Em 1979, Tubino escreveu o primeiro livro de treinamento esportivo em nosso país, sendo um marco e referência para a nossa literatura (essa obra apesar de antiga continua sendo atualizada estando na 13ª edição em 2012).

Após as Olimpíadas de 80, o Voleibol brasileiro deixou de ser amador e passou a ser profissional e Nuzman sugeriu que essa modalidade adotasse o modelo utilizado pela Itália e Japão, o clube empresa. O empresário Braguinha foi um dos primeiros a aderirem a essa atividade fundando assim a Atlântica Boavista no Rio de Janeiro (que posteriormente se uniu com o Bradesco se tornando Bradesco Atlântida) e outras empresas como Hygia, Pirelli, Pão de Açúcar, Transbrasil, Sadia, Supergasbrás e entre outras também aderiram a essa idéia e passaram a investir no voleibol como um produto rentável. Os principais clubes empresas masculinos dessa época eram a Atlântica Boavista do Rio de Janeiro e Pirelli de São Paulo, pois ambas possuíam os principais jogadores da seleção, e no feminino era o Flamengo, Paulistano e Pirelli.

Em setembro de 1982, o Brasil promoveu o 1º Mundialito de Voleibol Masculino e Feminino e durante esse evento, vários jogos foram transmitidos pela TV Record em horário nobre com um ótimo índice de audiência, sendo realizados no Estádio do Ibirapuera o jogo feminino e o masculino no Maracanãzinho (ambos ficaram lotados) popularizando ainda mais essa modalidade, virando uma das preferências em nosso país. Outro fator do público ficar vidrado era o saque “Jornada nas Estrelas” do ponteiro Bernard que chegou a atingir 25 metros de altitude e velocidade de 72 km/h em sua descida (sendo um dos responsáveis pelas vitórias brasileiras contra diferentes países sendo muito eficaz devido aos refletores do ginásio dificultar a visualização da bola, os jogadores não tinham noção de como realizar a recepção desta, bem como da tremenda velocidade que ela vinha). O Brasil também inovou com o saque em suspensão, apelidado de “Viagem ao Fundo do Mar” sendo o primeiro ataque do voleibol e que acabou se popularizando por todo mundo.

Em 20 de Outubro de 1984, foi realizado no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo, o Primeiro Mundial Interclube com a vitória de Pirelli sobre o Bradesco Atlântica por 3 a 2.

Após a Olimpíada de 84, foi identificado que o voleibol era o segundo esporte preferido entre os jovens de idade entre 15 e 24 anos empatando com o futebol de campo, perdendo apenas para o futebol de salão e a CBV constatou que de 1980 a 2000, o voleibol se tornaria a segunda modalidade de preferência nacional não estando relacionada com a idade.

Em 1988, o técnico Brunoro foi substituído pelo coreano Sohn que tinha um método inovador se preocupando muito com os aspectos psicológicos e dava muita prioridade à defesa e ao bloqueio (pois esses dois fundamentos evitam que o adversário marque os pontos) e considerava o ataque como importante também e de fácil aprendizado, pois já é uma ação natural de todo ser humano. Sohn também incluiu exercícios de ginástica olímpica em suas sessões de treinamento além de musculação e salto em profundidade.

Já o voleibol feminino obteve êxito no período de 1985 a 1988 mas foram marcadas por desentendimento entre atletas e dirigentes e em 85, algumas jogadoras pediram dispensa de Isabel, Vera Mossa, Sandra e Dulce da seleção, porém foi a levantadora Jaqueline que teve uma maior atenção do público quando em Julho desse mesmo ano em uma entrevista à Revista Placar, ela falou sobre autoritarismo, sexo e os bastidores do vôlei além de escrever um livro intitulado “vida de cachorro” onde fazia uma crítica ao voleibol brasileiro, sendo banida dessa maneira pois nenhuma equipe a queria em seu elenco por causa dessa briga que Jaqueline teve com a direção da CBV sendo obrigada a jogar voleibol de dupla nas areias dos Estados Unidos.

Em 1989, o Governo Collor suspendeu a Lei de Incentivo Fiscal para o Esporte acabando assim com diversos clubes e empresas do Brasil (essa lei retornou em 2011).

Em 1999, A Federação Internacional de Voleibol conferiu à Confederação Brasileira de Voleibol o título de a “Mais bem sucedida Federação do mundo” pelo triênio 1997, 1998 e 1999.

A partir de 2000, a Educação Física brasileira passou a ter um maior conhecimento a respeito do treinamento esportivo, biomecânica, fisiologia, fisiologia do exercício, neurociência, anatomia, bioquímica, aprendizagem motora, estatística e entre outras disciplinas tornando-se uma “ferramenta” muito fundamental para os resultados obtidos pelas seleções masculinas e femininas de voleibol no Brasil tanto em quadra como em campos de areia.

Em 2002, o Brasil se sagrou Campeão Mundial pela primeira vez e em 35 competições, subiu ao pódio 34 vezes conquistando 16 medalhas de ouro, 11 de prata e 7 de bronze. Em 2003, o Brasil esteve no pódio 46 vezes tendo participado de 41 competições, sendo 20 medalhas de ouro, 14 de prata e 12 de bronze. Em 2004, de 38 competições participadas, ficou no pódio 47 vezes ganhando 22 medalhas de ouro, 11 de prata e 14 de bronze. Em 2005, de 57 competições, esteve por 80 vezes no pódio recebendo 39 medalhas de ouro, 22 de prata e 19 de bronze. Em 2006, de 48 competições, 67 pódios com 32 medalhas de ouro, 20 de prata e 15 de bronze. Em 2007, de 51 competições, esteve 56 vezes no pódio ganhando 31 medalhas de ouro, 13 de prata e 12 de bronze além do heptacampeonato da Liga Mundial, ouro nos Jogos Pan-Americanos nas categorias indoor masculino e praia masculino e feminino e prata no indoor feminino. Em 2008, de 63 competições, subiu ao pódio 62 vezes conquistando 29 medalhas de ouro, 16 de prata e 17 de bronze e no Circuito Mundial, Ana Paula/ Shelda e Harley/ Pedro Solberg ficaram com o ouro e a seleção feminina conquistou o heptacampeonato no Grand Prix. Em 2009, liderado pelo técnico Bernardinho, a seleção masculina conquistou a Copa dos Campeões e o octacampeonato da Liga Mundial e a seleção feminina liderada pelo técnico José Roberto Magalhães garantiram o octacampeonato do Grand Prix, além dos títulos dos Campeonatos Sul-Americanos e nas categorias de base, a seleção infanto juvenil de Luizomar de Moura conquistou o tricampeonato mundial na Tailândia e o time juvenil de Percy Oncken conseguiu o tetracampeonato do mundo na Índia totalizando (resultados obtidos tanto na quadra como na areia) 46 competições e 54 pódios, conseguindo 27 medalhas de ouro, 15 de prata e 12 de bronze. Em 2010, conquistou o tricampeonato mundial na Itália além de ganharem pela nona vez a Liga Mundial (tornando-se o maior vencedor da história da competição ultrapassando a Itália que obtinha oito conquistas até então) e a seleção feminina ficou com a prata no Grand Prix e prata no Campeonato Mundial. Em 2011, as seleções infanto juvenis masculinas e femininas conquistaram os Campeonatos Sul-Americanos (masculina ficou

com a prata), garantindo dessa maneira a vaga do Brasil nos Mundiais daquele ano. Na praia, a dupla Juliana/ Larissa conquistam pela quinta vez o título do Circuito Mundial e Maria Elisa/ Talita ficam com a prata, já entre os homens, Emanuel/ Alison ficaram com a prata e neste mesmo ano, Juliana foi eleita pela segunda vez a melhor jogadora da competição. Nesse ano o Brasil participou de 41 competições ficando 44 vezes no pódio conquistando 15 medalhas de ouro, 14 de prata e 15 de bronze. A seleção masculina conquistou o título do Campeonato Sul-Americano em Cuiabá, foram vice na Liga Mundial e em terceiro lugar na Copa do Mundo. Já a seleção feminina foram campeãs no Campeonato Sul-Americano, vice no Grand Prix e em terceiro lugar na Copa do Mundo. A seleção juvenil feminina ficou com o vice campeonato do Mundial em Peru. Em 2012, a seleção feminina ficou com o vice no Grand Prix e as seleções juvenis masculinas e femininas e infanto juvenil masculino conquistaram o título do Campeonato Sul-Americano, já a seleção infanto juvenil feminina ficou com a segunda colocação. Em 2013, a seleção feminina conquistou as competições do Grand Prix, Copa dos campeões, Sul-Americano e os torneios de Alassio e Montreux, já a seleção masculina conquistou a Copa dos campeões, Sul-Americano e a Copa Pan-Americana além da segunda colocação na Liga Mundial e as seleções de base, o Brasil conquistou a primeira edição do Mundial sub-23 masculino, bronze no juvenil e infanto juvenil feminino e prata no juvenil masculino no Mundial e as seleções infantis receberam ouro no feminino e prata no masculino nos Sul-Americanos. Em 2014, a seleção masculina conquistou a medalha de prata no Campeonato Mundial na Polônia e a seleção feminina conquistou o Grand Prix e medalha de bronze no Campeonato Mundial. Em 2015, a seleção masculina conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos e o bicampeonato nos Jogos Militares, já as seleções de base, foram considerados como maior vencedor do Campeonato Mundial Sub-19 masculino e segundo maior vencedor do Campeonato Mundial Sub-21 masculino. Já a seleção feminina conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos, bicampeãs dos Jogos Militares, bronze no Grand Prix, maior vencedor do Campeonato Mundial Sub-20 e segundo maior vencedor do Campeonato Mundial Sub-18. Em 2016, a seleção feminina conquista pela décima segunda vez o Grand Prix, sendo consideradas como a equipe mais bem sucedida da história desse campeonato.

No âmbito continental, a seleção brasileira é considerada como a maior vencedora do Campeonato Sul-Americano disputado desde 1951, tendo ganhado 31 das 32 edições realizadas desde então, não conquistando apenas a que ocorreu no ano de 1964, pois não participou.

5.3. O Brasil nas Olimpíadas

Segundo a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), Junior (2012) e Júnior (2001), esse esporte foi incluído entre as modalidades olímpicas na edição de Tóquio, Japão no ano de 1964 na quadra e o Brasil foi o único país que participou de todas as edições olímpicas desde então. A seleção feminina estreou somente nas olimpíadas de Moscou, (antiga) União Soviética em 1980.

O vôlei de praia foi incluso nos Jogos Olímpicos apenas na edição de 1996 em Atlanta, Estados Unidos e desde esse ano o Brasil vem se destacando sendo o segundo maior campeão com dois ouros, seis pratas e três bronzes. O Brasil não foi apenas o primeiro campeão olímpico dessa modalidade como também levou ouro e prata ao mesmo tempo com as duplas Jacqueline/ Sandra e Mônica/ Adriana.

Em 1964 em Tóquio, Japão, a seleção masculina obteve a sétima colocação.

Em 1968 na Cidade do México, México, a seleção masculina obteve a nona colocação.

Em 1972 em Munique, Alemanha, a seleção masculina obteve a oitava colocação.

Em 1976 em Montreal, Canadá, a seleção masculina obteve a sétima colocação.

Em 1980 em Moscou, antiga União Soviética, a seleção masculina obteve a quinta colocação e a seleção feminina, a sétima.

Em 1984 em Los Angeles, Estados Unidos, a seleção masculina conquistou a medalha de prata e a seleção feminina obteve a sétima colocação.

Em 1988 em Seul, Coréia do Sul, a seleção masculina obteve a quarta colocação e a seleção feminina, a sexta.

Em 1992 em Barcelona, Espanha, a seleção masculina conquistou a medalha de ouro e a seleção feminina obteve a quarta colocação.

Em 1996 em Atlanta, Estados Unidos, a seleção masculina obteve a quinta colocação e a seleção feminina conquistou a medalha de bronze. O vôlei de praia masculino conquistou a décima e a décima segunda colocação e o vôlei de praia feminino conquistou as medalhas de ouro e de prata (a primeira medalha de ouro olímpica conquistada por uma equipe feminina).

Em 2000 em Sydney, Austrália, a seleção masculina obteve a sexta colocação e a seleção feminina conquistou a medalha de bronze. O vôlei de praia

masculino conquistou a medalha de prata e o vôlei de praia feminino as medalhas de prata e bronze.

Em 2004 em Atenas, Grécia, a seleção masculina conquistou a medalha de ouro e a seleção feminina obteve a quarta colocação. O vôlei de praia masculino conquistou a medalha de ouro e o vôlei de praia feminino, de prata.

Em 2008 em Pequim, China, a seleção masculina conquistou a medalha de prata e a seleção feminina, de ouro. O vôlei de praia masculino conquistou as medalhas de prata e bronze e o vôlei de praia feminino obteve a quarta e a quinta colocação.

Em 2012 em Londres, Reino Unido, a seleção masculina conquistou a medalha de prata e a seleção feminina, de ouro. O vôlei de praia masculino conquistou a medalha de prata e o vôlei de praia feminino, de bronze. Em 2014, a seleção feminina foi eleita a melhor equipe feminina dos Jogos Olímpicos de Londres pela Associação de Comitês Olímpicos Nacionais.

Em 2016 no Rio de Janeiro, Brasil, a seleção masculina conquistou a medalha de ouro e a seleção feminina obteve a quinta colocação. O vôlei de praia masculino conquistou a medalha de ouro e o vôlei de praia feminino, de prata.

5.4.1. Regras do Voleibol

Segundo a Fédération Internationale de Volleyball (FIVB), temos:

- A área de jogo compreende a quadra de jogo e a zona livre que deverá ser retangular e simétrica medindo 18 metros de comprimento e 9 metros de largura circundada por uma zona livre de no mínimo 3 metros de largura em todos os lados. O espaço livre é a área de jogo desprovido de quaisquer tipos de obstáculo e para Competições Mundiais e Oficiais pela FIVB, a zona livre deve medir 5 metros a partir das linhas laterais e 6,5 metros a partir da linha de fundo, e o espaço livre deve ser no mínimo 12,5 metros de altura a partir da superfície de jogo.
- A superfície de jogo deve ser plana, horizontal e uniforme (não pode apresentar nenhum perigo para os jogadores se lesionarem sendo proibido jogar sobre superfícies rugosas ou escorregadias),

podendo ser de madeira ou sintéticas com cores claras com linhas de delimitação brancas tendo cores diferentes para a zona livre (no caso de quadras cobertas) e no caso de quadras abertas, é permitida uma inclinação na superfície de jogo de 5 milímetros por metro para fins de drenagem. Linhas de marcação da quadra fabricadas com materiais sólidos são proibidas e qualquer superfície deverá ser sempre previamente aprovada pela FIVB.

- Todas as linhas possuem largura de 5 centímetros, sendo elas duas linhas laterais e duas linhas de fundo (sendo estas inseridas na dimensão da quadra). A linha central divide a quadra em duas partes iguais pertencendo a ambas as quadras se estendendo sob a rede de uma linha lateral até a outra. A linha de ataque é desenhada a 3 metros de distância da linha central marcando a zona de frente, e para competições Mundiais e Oficiais da FIVB, essa linha é estendida para além das linhas laterais sendo adicionadas pequenas linhas pontilhadas de 15 centímetros com 5 centímetros de largura traçadas com espaçamento de 20 centímetros entre elas totalizando um comprimento de 1,75 metro. A “linha de restrição do técnico” é uma linha pontilhada que se estende desde a linha de ataque até a linha de fundo de quadra paralela a linha lateral e a 1,75 metro da mesma composta por pequenas linhas de 15 centímetros espaçadas por 20 centímetros, demarcando dessa maneira o limite da área de operação do técnico.
- Em relação as zonas, temos a zona de frente (limitada pelo eixo da linha central e a extremidade posterior da linha de ataque), zona de saque (uma área de 9 metros de largura situada após cada linha de fundo sendo limitada lateralmente por duas pequenas linhas medindo 15 centímetros traçadas a 20 centímetros após o término de cada linha de fundo), zona de substituição (delimitada pelo prolongamento imaginário de ambas as linhas de ataque até a mesa do apontador), zona de troca de líbero (é a parte da zona livre no lado do banco das equipes limitada pela extensão da linha de ataque até a linha de fundo).
- Em relação às áreas, temos a área de aquecimento (para as Competições Mundiais e Oficiais da FIVB, mede aproximadamente 3 metros por 3 metros situando-se nos cantos da área de jogo ao lado do banco fora da zona livre), área de penalidade (medem aproximadamente 1 metro por 1 metro e são equipadas com duas cadeiras cada, localizando-se dentro da área de controle após o prolongamento de cada linha de fundo delimitadas por uma linha vermelha de 5 centímetros de largura).

- A rede é colocada verticalmente sobre a linha central ajustada a 2,43 metros do solo para homens e 2,24 metros para as mulheres (sua altura é medida a partir do centro da quadra de jogo e a altura da rede sobre as linhas laterais deve ser exatamente a mesma não excedendo a altura regulamentar em mais de 2 centímetros).
- A rede possui 1 metro de altura por 9,5 a 10 metros de comprimento (com 25 a 50 centímetros adicionais além das faixas) constituída de malhas quadradas pretas com 10 centímetros de lado. Na parte superior há uma faixa horizontal de 7 centímetros de largura consistindo em uma lona branca dobrada ao meio e costurada ao longo de toda a extensão da rede (dentro desta faixa um cabo flexível estica a rede nos postes e mantém a rede tensionada). Em cada extremidade final, há uma abertura onde passará uma corda utilizada para amarrar ao poste a fim de manter a parte superior tensionada. Na parte inferior da rede há uma faixa similar à faixa superior porém com 5 centímetros e por dentro dessa faixa passa uma corda que é amarrada aos postes para manter a parte inferior tensionada.
- As antenas são varas flexíveis com 1,80 metro de comprimento e 10 milímetros de diâmetro fabricadas de vidro ou material similar, sendo amarrada de forma a tangenciar a parte externa de cada faixa lateral colocadas em lados opostos da rede. A parte superior de cada antena estende-se além do bordo superior da rede por 80 centímetros e é marcada com listras em cores contrastantes (normalmente vermelho e branco) sendo parte integrante da rede e delimitam os limites laterais do espaço de cruzamento.
- Os postes são colocadas a uma distância de 0,5 a 1 metro de cada linha lateral possuindo uma altura de 2,55 metros e devem ser de preferência ajustáveis (em Competições Mundiais e Oficiais da FIVB, elas devem estar com uma proteção almofadada), sendo redondas, polidas, fixadas ao solo sem cabos.
- A bola é esférica com uma capa flexível de couro ou couro sintético com uma câmara de borracha ou material similar, devendo ter cores claras ou uma combinação de cores. Sua circunferência é de 65 a 67 centímetros e seu peso de 260 a 280 gramas.
- A equipe pode ser composta por até 12 jogadores (para Competições Mundiais e Oficiais da FIVB, até 14 jogadores podem ser registrados na súmula na categoria adulta), um técnico e até dois assistentes técnicos, um fisioterapeuta e um médico.

Somente os jogadores inscritos na súmula podem entrar em quadra não sendo admitidas alterações na relação dos jogadores, comissão técnica e corpo médico após a assinatura desta pelo técnico e capitão da equipe.

- O equipamento individual é composto pela camiseta (numeradas de 1 a 20), calção, meias e calçado esportivo devendo ser iguais para todos os jogadores com exceção do líbero.
- É proibido o uso de objetos que possam causar algum tipo de lesão ou proporcionar qualquer vantagem ao jogador. A utilização de óculos ou lentes de contato é permitida pela conta e risco de cada jogador.
- Quando a bola não estiver em jogo, somente o capitão no jogo está autorizado para se dirigir aos árbitros para solicitar alguma explicação sobre a aplicação ou a interpelação das regras assim como submeter pedidos e perguntas de seus colegas de equipe, podendo protestar formalmente contra a referida decisão, pode também pedir autorização para verificar as posições das equipes bem como o piso, rede, bola, e na ausência do técnico pode solicitar tempos e substituições e ao final da partida assina a súmula para ratificar o resultado.
- Os líberos não poderão ser os capitães da equipe.
- Somente o técnico poderá requisitar tempo de descanso e/ou substituições enquanto em pé ou caminhando dentro do espaço da zona livre a frente do banco de sua equipe.
- O assistente técnico senta-se no banco de sua equipe mas não possui direito a qualquer intervenção no jogo e caso o técnico precise deixar sua equipe por qualquer razão (incluindo sanções e exceto quando este precisar adentrar a quadra como jogador), ele poderá mediante a um pedido formal do capitão de jogo e com autorização do primeiro árbitro assumir as funções do técnico durante a sua ausência.
- O ponto é marcado quando se tem êxito em fazer a bola tocar na quadra adversária, quando a equipe adversária comete uma falta e quando a equipe adversária é penalizada.
- Uma equipe comete falta quando transgride quaisquer regras do jogo ou violando-as de outra maneira (os árbitros vão julgar as faltas e determinam as penalidades de acordo com as regras). Se duas ou mais faltas são cometidas sucessivamente, somente a

primeira será marcada e seu duas ou mais faltas são cometidas por jogadores de equipes adversárias, uma falta dupla é aplicada e repete-se o rally.

- Rally é a sequência de ações de jogo ocorridas desde o momento em que o jogador realiza o saque até o momento em que a bola é considerada fora de jogo. Rally completo é a sequência de ações de jogo que resulta em um ponto (incluindo a aplicação de penalidades e perda do serviço devido à falta no saque por ultrapassar o limite de tempo de 8 segundos). Se a equipe que estiver sacando vencer o rally, esta marcará o ponto e continuará a sacar, porém se a equipe que estiver recebendo o saque vencer o rally, esta marcará o ponto e passará a executar o próximo saque.
- Para vencer um set, a equipe precisa marcar 25 pontos primeiro com uma diferença mínima de 2 pontos (exceto o 5º pois tem um caráter decisivo). Em caso de empate como por exemplo, 24x24, o jogo continuará até que a diferença de dois pontos seja alcançada.
- Para vencer a partida, a equipe deverá vencer 3 sets. Em caso de empate de sets por 2x2, o 5º set será jogado até que uma das equipes alcance 15 pontos primeiro com uma diferença mínima de 2 pontos.
- A equipe que se recusar a jogar após ser convidada ou aquela que não se apresentar no local, hora e data marcada da partida sem nenhuma justificativa prévia, será declarada como ausente (desistindo da partida) e terá como resultado a derrota por 3x0 sets com parciais de 25x0 em cada set.
- A equipe declarada incompleta para o set ou partida, perderá o set ou a partida. A equipe adversária receberá os pontos ou sets necessários para vencer e a equipe declarada incompleta manterá os pontos e sets ganhos até o momento da declaração.
- Antes do início da partida, o primeiro árbitro realiza o sorteio na presença dos capitães de ambas as equipes para decidir quem realizará primeiro o saque assim como o lado da quadra em que cada uma atuará durante o primeiro set. No caso do 5º set, um novo sorteio é realizado. O vencedor do sorteio escolherá entre o direito de executar ou receber o primeiro ataque ou o lado da quadra que sua equipe iniciará a partida, e ao perdedor é reservado a alternativa restante.

- Antes do início da partida, para Campeonatos Mundiais e Oficiais da FIVB, as equipes terão o direito a 10 minutos de aquecimento simultâneo na rede. Se qualquer dos capitães requisitar que esse aquecimento seja realizado de maneira separada, cada equipe terá o direito a 3 ou 5 minutos conforme o caso (neste caso, a equipe que executará o primeiro serviço será o primeiro a realizar o aquecimento).
- Cada equipe sempre apresentará 6 jogadores em quadra e a formação inicial da equipe indicará a ordem de rotação dos jogadores em quadra que deverá ser mantida durante todo o set. Antes do início de cada set, o técnico deverá apresentar a formação inicial na papeleta preenchida e assinada ao segundo árbitro ou ao apontador (os jogadores que não constarem nessa papeleta serão os reservas para aquele set com exceção dos líberos). Após essa papeleta ser entregue, qualquer alteração deverá ser realizada através de uma substituição regular e se houver alguma divergência em relação ao posicionamento dos jogadores e a papeleta antes do início do set ou se uma posição for ocupada por outro jogador que não está listado, a posição destes deve ser retificada de acordo com a formação inicial descrita sem sofrer nenhum tipo de sanção (caso o técnico desejar conservar esse (s) jogador (es) não registrado (s), este deverá solicitar substituição (ões) regulamentar (ES) registrando na súmula). Caso essa divergência seja verificada após o início do set, o posicionamento da equipe faltosa deverá ser retificado, além de dar um ponto a mais à equipe adversária bem como o direito ao próximo saque (os pontos da equipe adversária não mudam e todos os pontos marcados ou recebidos pela equipe faltosa desde o momento em que houve a troca serão cancelados podendo perder até um set por 25x0. Uma nova papeleta deverá ser preenchida e devidamente inscrita na súmula para este jogador poder entrar em quadra para ocupar a posição do jogador não registrado).
- Uma equipe comete uma falta de posição se um jogador não ocupa sua posição correta no momento em que a bola é golpeada pelo sacador e a equipe faltosa é sancionada com um ponto devendo retificar seu posicionamento e a equipe adversária terá o direito ao próximo saque.
- Uma falta na rotação ocorre quando o saque não é efetuado conforme a ordem de rotação e a equipe adversária ganha o ponto e o próximo serviço.

- É considerado bola fora quando todas as partes desta que entram em contato com o solo estão completamente fora das linhas de delimitação da quadra, quando ela toca um objeto fora da quadra de jogo, o teto ou outra pessoa que não esteja no jogo, quando toca a antena, cordas de sustentação da rede, postes ou a parte da rede localizada além das faixas laterais, quando cruza o plano vertical da rede por fora do espaço de cruzamento de forma total ou parcial ou quando cruza completamente o espaço inferior abaixo da rede.
- Um toque é qualquer contato de um jogador em jogo com a bola, sendo permitido até três toques (além do bloqueio) para cada equipe. Se forem utilizados mais de três toques, a equipe comete a falta de quatro toques. Um jogador não poderá tocar a bola de forma consecutiva (se não será considerado falta por dois toques) e dois ou três jogadores poderão tocar a bola simultaneamente (nesse caso serão computadas dois ou três toques exceto no bloqueio).
- Dentro da área de jogo não é permitido que um jogador se apóie em outro ou em qualquer estrutura ou objeto para golpear a bola (pois será considerada falta por toque apoiado), mas se este estiver prestes a cometer uma falta (tocar a rede ou cruzar a linha central), poderá ser parado por um membro de sua equipe.
- A bola não deve ser retida ou lançada (tem que ser rebatida em qualquer direção porque se não é considerada como falta por condução) podendo tocar várias partes do corpo contanto que seja simultaneamente (com exceção do bloqueio).
- A bola enviada para a quadra adversária deve passar por cima da rede dentro do espaço de cruzamento (parte do plano vertical da rede sendo delimitado abaixo pelo bordo superior da rede, lateralmente pelas antenas e seu prolongamento imaginário e acima pelo teto).
- A bola enviada para a rede pode ser recuperada dentro do limite de três toques da equipe (se não for bola na rede pelo saque).
- É permitido tocar a quadra adversária com os pés desde que alguma parte esteja em contato com a linha central ou a projeção dos pés no solo esteja sobre a linha central.
- O contato do jogador com a rede, entre as antenas durante a ação de jogar a bola é uma falta. Os jogadores podem tocar o poste, cabo de fixação ou qualquer outro objeto que esteja localizado

depois da antena incluindo a própria rede desde que isso não interfira na jogada.

- O primeiro árbitro autoriza com um apito o saque após verificar se as duas equipes estão prontas para jogar e se o sacador está em posse da bola. O sacador deve golpear a bola (com uma mão ou qualquer parte do braço depois de ser solta ou lançada pelas mãos) dentro de 8 segundos após o apito não podendo tocar a quadra (incluindo a linha de fundo e a área do piso que está fora da zona de saque) no momento do golpe.
- Os jogadores da equipe sacadora não podem impedir o adversário de visualizar o sacador e a trajetória da bola seja por ação individual (como ficar balançando os braços, pular) ou coletiva (como se agrupando a fim de esconder o sacador ou a trajetória).
- Os jogadores da linha de frente podem completar um golpe de ataque a qualquer altura desde que o contato com a bola tenha ocorrido dentro do espaço de jogo da sua equipe e um jogador da linha de trás pode completar um ataque atrás da zona de frente se no seu impulso os pés do jogador não tiverem tocado nem ultrapassado a linha de ataque e também se no momento do contato parte da bola estiver abaixo do topo da rede.
- É proibido bloquear o saque do adversário.
- Um jogador da linha de trás ou líbero não podem participar de um bloqueio efetivo (nem individual e nem coletivo).
- As únicas interrupções regulares no jogo são os tempos de descanso e substituições. Cada equipe tem direito a no máximo dois tempos de descanso (com duração de 30 segundos) e seis substituições em cada set. Deve haver um rally completo entre duas requisições de substituição feitas pela mesma equipe (exceto quando ocorre uma substituição forçada devido a lesões ou expulsão/desqualificação). Para Competições Mundiais e Oficiais da FIVB, do 1º ao 4º set, dois tempos técnicos adicionais com duração de 60 segundos são concedidos automaticamente quando a equipe que estiver em liderança alcançar no placar o 8º e o 16º ponto (no 5º set, não há tempo técnico, somente dois tempos de 30 segundos podem ser solicitados por cada equipe).
- Um jogador da formação inicial pode deixar o jogo e retornar somente uma vez no set e para sua posição original. Um jogador reserva pode entrar no jogo no lugar de um jogador de formação

inicial somente uma vez no set e só pode ser substituído pelo mesmo jogador titular.

- É indevido solicitar qualquer tipo de interrupção regulamentar no jogo durante um rally ou no momento ou após o apito de autorização do saque.
- Na ocorrência de um acidente sério enquanto a bola esta em jogo, o árbitro deve parar a jogada imediatamente e permitir a entrada da assistência médica na quadra e o rally deverá ser jogado novamente. Se um jogador contundido não possa ser substituído de forma legal ou excepcional, será concedido um tempo de 3 minutos para sua recuperação e não mais que uma vez ao mesmo jogador na mesma partida e caso ele não se recupere, sua equipe será considerada incompleta.
- O intervalo ocorre entre os sets e tem a duração de três minutos (durante esse tempo são efetuadas a troca de quadra e o registro da formação inicial das equipes na súmula).
- O líbero é um especialista em defesa e em Competições Mundiais e Oficiais da FIVB, é obrigado ter dois líberos na relação da equipe (devendo ser registrados na súmula antes da partida) podendo estar em quadra somente um líbero de cada vez. O uniforme deles deve ser de cores diferentes em relação ao restante da equipe, porém do mesmo estilo e numeradas.
- O líbero poderá efetuar troca com qualquer jogador da linha de trás (não conta como substituição), não podendo sacar e nem bloquear a bola.
- Quando um cartão amarelo for direcionado a um membro, essa advertência não é considerada uma sanção mas sim, um alerta de que o membro advertido (e por extensão, sua equipe) alcançou o nível de sanção naquela partida, não havendo qualquer consequência imediata, mas deve ser registrado na súmula.
- De acordo com o julgamento do primeiro árbitro e dependendo da seriedade da falta, as punições a serem aplicadas e registradas em súmula são penalidade (punição com um ponto e saque para o adversário), expulsão (um membro da equipe expulso não poderá jogar o restante do set devendo ser substituído legal e imediatamente se estiver em quadra devendo permanecer sentado na área de penalidade sem quaisquer outras consequências. Se o técnico for expulso, ele perderá o direito de intervir no set e deve permanecer sentado na área de penalidade) ou desqualificação

(este membro deve deixar a Área de Controle da Competição pelo resto da partida devendo ser substituído legal e imediatamente se estiver em quadra, sem qualquer outra consequência).

- A equipe de arbitragem é composta pelo 1º árbitro (dirige a partida do início até o fim tendo autoridade sobre toda a equipe de arbitragem, desempenha suas funções de pé sobre a cadeira de arbitragem), 2º árbitro (é o assistente do 1º árbitro desempenhando suas funções de pé fora da quadra de jogo próximo ao poste no lado oposto e de frente para o 1º árbitro), apontador (preenche a súmula de acordo com as regras cooperando com o 2º árbitro, comunica irregularidades ou sinaliza aos árbitros o que estiver sob sua responsabilidade desempenhando suas funções sentado na mesa do apontador no lado oposto e de frente para o 1º árbitro. O apontador assistente senta ao lado do apontador na mesa e registra as trocas envolvendo o líbero e assiste nas tarefas administrativas) e quatro (dois) juízes de linha (somente dois juízes são utilizados e eles se posicionam nos ângulos da quadra mais próximo à mão direita de cada árbitro diagonalmente posicionando-se de 1 a 2 metros de cada ângulo, controlando tanto as linhas de fundo e a lateral do seu lado desempenhando suas funções utilizando bandeiras (40x40 centímetros) para sinalizar. Para Competições Mundiais e Oficiais da FIVB é obrigatório utilizar quatro juízes de linha).

5.4.2. Fundamentos do Voleibol

Segundo a Fédération Internationale de Volleyball, Junior (2013) e Arruda e Junior (2015), o voleibol é um esporte previsível devido as suas características como a não invasão do campo adversário e tempo para terminar a partida, sendo definidas pela precisão dos fundamentos executados, sendo estes os movimentos que possibilitam ao atleta atacar (passe, levantamento, saque e cortada) e defender (bloqueio e defesa).

O saque é o ato de golpear a bola colocando-a em jogo pelo jogador de trás à direita que fica posicionado na zona de saque enviando-a para a quadra do adversário, sendo considerado como o primeiro ataque (iniciando ou reiniciando) do jogo, podendo ser de vários tipos como por baixo (normalmente utilizada por iniciantes e por praticantes que não possuem força onde o jogador apóia a bola com a mão não dominante e com a outra mão golpeia após

realização de um movimento de pêndulo para trás), lateral por baixo (conhecido também como “Jornada nas Estrelas”, o jogador joga a bola para cima com a mão não dominante e a golpeia ainda no ar com a mão dominante após realizar movimento de pêndulo para trás), tênis (é um saque por cima simples, onde o jogador segura a bola com as duas mãos com os cotovelos estendidos (mão não dominante por baixo) trazendo a bola para cima da cabeça e golpeando com a mão dominante), tênis flutuante (a bola é lançada para frente da cabeça com a mão não dominante e golpeia com a mão dominante realizando um movimento para trás acima do ombro com o punho em hiper extensão (“chapada”) com pouco trabalho de tronco), em suspensão forte (conhecido também como “Viagem ao Fundo do Mar”, consiste em quando o jogador lança a bola para cima e para frente, se desloca e salta para cima e para dentro da quadra golpeando a bola no ar, diminuindo assim o espaço e tempo entre o sacador e o defensor) e em suspensão flutuante (parecido com anterior, porém com hiper extensão do punho quando golpeia a bola).

O passe é a recepção do saque adversário podendo ser efetuada com manchete (utilizando-se da parte interna dos braços esticados e com as pernas flexionadas) ou toque (quando o jogador recebe o saque do adversário com a ponta dos dedos posicionados acima da cabeça).

O levantamento é caracterizado como o segundo toque da equipe com a bola, sendo realizada após o passe normalmente com o toque podendo enganar o adversário, pois a bola pode ser colocada em diferentes locais da quadra e geralmente é realizado pelo levantador da equipe.

O ataque é o ato de golpear a bola a fim de cravá-la na quadra adversária, normalmente realizada através da cortada.

O bloqueio é a ação dos jogadores que ficam perto da rede na tentativa de interceptar a bola atacada pelo adversário, estendendo-se os braços acima do bordo superior da rede tomando cuidado para não encostar-se à mesma e ao aterrissar, não invadir a quadra adversária. Somente os jogadores da linha da frente podem realizar o bloqueio contanto que a parte do corpo esteja mais alta que o topo da rede.

A defesa é a ação de tentar recuperar as bolas que vem do ataque adversário que foram ultrapassadas pelo bloqueio dando a chance de criar contra ataques para um outro rally. Ela é considerada um dos fundamentos mais difíceis pois exigem muita concentração, coragem, habilidade técnica, agilidade e tempo de reação rápido e normalmente quem realiza esse tipo de defesa é o líbero de cada equipe

5.5. A Generificação no Voleibol

Segundo a Fédération Internationale de Volleyball (FIVB), o voleibol é considerado um dos esportes mais populares no mundo tanto na sua forma recreativa quanto na competitiva pois é rápido, excitante e com ações explosivas compreendendo uma série de elementos sobrepostos e que suas interações o tornam único.

Junior (2012) comenta que muitos acontecimentos importantes ocorreram entre os anos 40 e 50, porém o vôlei era muito pouco praticado pelos homens em meados dos anos 50, pois eles achavam seus gestos afeminados (como por exemplo, a técnica de “quebrar” o punho após uma cortada) e isso perdurou até os anos 60. Entretanto essa modalidade era considerada ideal para o sexo feminino pois não existia contato físico, sendo considerado pouco violento e com fundamentos elegantes e com essas informações, podemos entender porque o voleibol no Brasil é tão adorado assim pelo sexo feminino, tendo seu ápice de popularidade nos anos 80 quando surgiu a “Geração das Musas”, sendo estas a Isabel, Vera Mossa, Dulce, Regina Uchôa, Jaqueline e entre outras, com maior destaque para Jaqueline, Vera Mossa (que posteriormente seria o primeiro casamento de Bernardinho) e Isabel. Nessa mesma época, com a “Geração Ouro”, a seleção masculina passou a conquistar ótimos resultados no cenário mundial fazendo com que esse esporte virasse uma febre nacional a tal ponto que cidades litorâneas que não tinham essa modalidade, passaram a praticar difundindo ainda mais essa prática esportiva.

Segundo Andres (2014), na década de 1990 o voleibol passou por uma remodelação em suas regras para que este se tornasse mais competitivo e atraente para a mídia, além da criação da Liga Mundial de Vôlei onde as melhores seleções competem, sendo baseada num modelo de marketing esportivo que agrega “transmissões dos jogos ao vivo, patrocínios milionários, gestão profissional e orientação para o espetáculo”, trazendo à modalidade novas perspectivas e oportunidades aos/as atletas como maiores possibilidades e fortalecimento profissional.

Segundo Farias et al (2017), o voleibol é uma modalidade esportiva que vem ganhando muito espaço no mundo e hoje em dia é praticado por ambos os sexos, apesar de historicamente ter sido considerado como apropriados para o sexo feminino devido ao pouco ou nenhum contato físico, “além da bola ser atacada com a mão numa posição que ela dobre no final, posição esta considerada delicada e que se encaixa ao perfil feminino e/ou nos dias atuais, aos homossexuais”, não desconfigurando a imagem feminina mantendo o seu ar de delicadeza e beleza.

Adelman (2003) estudou “o que a prática esportiva significa para mulheres atletas, procurando descobrir como ou em que medida a atividade esportiva contribui para a subversão de práticas e representações da corporalidade feminina e, dessa forma, para a produção de novos e mais diversificados sentidos sobre o ‘ser mulher’” enfocando nas experiências dessas atletas e analisou o que quer dizer a elas “ser atletas profissionais dentro, do contexto da cultura brasileira atual, e qual a relação da sua participação esportiva com as definições sobre aquilo que é normativamente ‘feminino’” através de entrevistas com atletas de hipismo e voleibol. Podemos perceber que as jogadoras de voleibol quando se empenham em defender a ‘feminilidade’ de sua modalidade comparada a outras como basquete, handebol e futebol falam “Nunca gostei de basquete. Para mulher, acho que torna muito masculina. Se você comparar as jogadoras de basquete com as de vôlei, você vê a diferença no físico. Elas são mais troncudas; têm um jeito diferente – eu não gosto!” e ainda “O basquete é uma coisa muito masculina. Jogam com aquela bermudona e o corpo delas é mais quadrado... O vôlei já é uma coisa mais feminina. Tem mais atrativos do que basquete. E isso muita gente fala: a gente vai lá, jogar com aquela sunguinha bonitinha, shortinho colado, chama a atenção!”. Podemos perceber certo desprezo da parte delas pelos outros esportes ‘mais masculinos’ e pelas atletas que os praticam, levando a sugerir que se utilizam dessas comparações para se autodeterminarem e para construir sua própria imagem, onde enfatizam que não gostariam que suas filhas chegassem a praticar nenhum deles citando o vôlei e a dança como atividades mais adequadas. Elas se mostram ainda preocupadas com a sua imagem quando enfatizam a ‘ vaidade feminina’ comentando sobre convites que de vez em quando recebem para trabalhar como modelos, havendo uma valorização de um corpo forte e sadio que deve ser relativamente musculoso, mas sempre feminino e a feminilidade parece realizar-se por meio dessa tão prezada vaidade quando dizem “Se eu não jogasse vôlei, eu iria cuidar do meu corpo com certeza, malhar todo dia. Acho bonito. Mas não gosto de uma coisa muito masculina; quem tem tendência a ganhar músculo muito fácil, acho que fica meio masculino. Quando você coloca uma blusa de manguinha é capaz de estourar a blusa. Mas um corpo legal eu acho saudável” e “A gente está jogando, não pode usar brinco, essas coisas. Mas quando sai, passa um batom, coloca uma saia. Tem que ter essa vaidade, para se sentir mais mulher”. Podemos perceber nesses discursos que as próprias jogadoras reproduzem os estereótipos da atleta, vindo como obrigação se defender contra o preconceito mesmo quando negam sua existência como podemos observar na fala “Eu acho que a gente é muito feminina. Às vezes as pessoas acham atleta machão. A gente procura ser bem feminina, para ninguém ‘encher o saco’. Por ser atleta, ter um corpo definido, todo mundo já [acha]... então procuramos aflorar mais o feminino. Não tem preconceito não, pelo contrário”. As falas dessas atletas nos sugerem algumas formas que a prática esportiva constrói como um campo para definir e redefinir significados em relação ao corpo feminino, feminilidade e o ser mulher.

Goellner (2006) cita que a espetacularização desses corpos femininos, que são aceitas, exibidas e incentivadas em determinados locais sociais, são colocadas sob dúvida uma vez que os espaços esportivos (como por exemplo, no futebol ou nas lutas) colocam à prova essa representação da feminilidade que foi construída e ancorada em determinados atributos (tidos como femininos) como a graciosidade, harmonia das formas, beleza, sensualidade e delicadeza.

Já em relação aos jogadores de voleibol, podemos notar no estudo de Bocchini e Maldonado (2015) que em um ambiente escolar muitas meninas optam por praticar o voleibol, pois é visto como uma atividade menos agressiva quando comparado com o futebol e que juntamente a elas, alguns meninos que não gostam de jogar futebol também o pratica e que eles conseqüentemente acabam tendo sua sexualidade questionada. Carvalho et al (2017) diz que “atletas gays, em sua maioria, estavam relacionados com modalidades individuais e sem embate físico, acreditando que a masculinidade hegemônica nas modalidades coletivas não seria atrativa para homens homossexuais... o voleibol seria uma das modalidades que esteve aberta ou tornou-se atrativa para os homossexuais que tivessem uma orientação mais coletivista... ao valorizar o suave, o não violento, o leve”, então esta preferência pelos jogadores de vôlei homossexuais poderia ser explicada por uma orientação motora ou esportiva que estes possuem tipicamente que já foi comprovada em estudos, onde homens que possuem uma tendência coletivista em termos de práticas esportiva escolheriam o voleibol por ser um esporte coletivo mas sem o contato físico ou embate e que possíveis atletas heterossexuais podem sofrer preconceitos devido a esse senso comum de que o voleibol é um esporte que possuem características femininas e que os familiares e amigos podem manifestar algum tipo de desconforto podendo até afastá-los dessa prática.

Temos um caso um tanto quanto polêmico, de Tiffany, a primeira jogadora trans a jogar voleibol por uma equipe feminina. Segundo o site R7 e o Esporte Fantástico, Rodrigo Pereira de Abreu, nascido em Goiás no dia 29 de Outubro de 1984, possui 88 kg e 1,94m atuando como ponta de rede inclusive quando jogou na Europa. No final de 2012, decidiu iniciar uma transição de gênero se submetendo a duas cirurgias além de uma reharmonização, na Holanda e nos anos seguintes mesmo com um visual feminino, continuou atuando em equipes masculinas da Holanda e Bélgica. No final de 2016, Rodrigo teve a permissão da justiça brasileira para mudar o nome e o gênero no registro de identidade e como Tiffany, teve a autorização do Comitê Olímpico Internacional (COI) e da Federação Internacional de Voleibol (FIVB) para atuar em equipes femininas, uma vez que seu nível de testosterona sanguíneo seja inferior a 10 nanomois por litro no mínimo 12 meses antes da primeira competição.



À esquerda, Rodrigo Pereira de Abreu e a direita, Tiffany Pereira de Abreu

A presença de Tiffany nas quadras em equipes femininas divide opiniões sobre o quão justo poderia ser, tendo como alguns argumentos sua maturação, pois toda sua adolescência Tiffany teve como homem, além de sua força, potência e alguns fundamentos utilizados. Paes e Moas (2018) falam que apesar dos grandes feitos de Tiffany em relação às suas pontuações, seu desempenho não revela nenhuma excepcionalidade, pois “Até agora, em sete rodadas da Superliga, ela já anotou 160 pontos, uma média de 22,85 por partida. No mesmo período de competição, Bruna Honório, do Pinheiros, marcou 124 pontos enquanto Tandara fez 110, mas com uma partida a menos. E Edinara, do Hinode Barueri, tem 90 pontos nessas sete rodadas. As quatro são as principais pontuadoras do torneio. Os números chamam a atenção, mas Tiffany também mostra deficiências no ataque. Os 39 pontos feitos na última partida saíram de 75 ataques, ou seja, ela teve 44% de acerto. Na mesma rodada, Tandara fez 15 pontos, mas com 56% de eficiência. E Bruna marcou 33 pontos, com 46% de acertos”.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Realizada a busca, foram encontrados 39 trabalhos que abordaram a temática de gênero, generificação, handebol e/ou voleibol e dentre eles foram selecionados 17 sendo estes um trabalho de conclusão de curso, três dissertações de mestrado, uma tese de doutorado e doze artigos científicos, além de uma busca em 14 sites e 4 livros.

De acordo com os estudos supracitados observamos que a generificação esportiva presentes nessas modalidades possuem raízes históricas, familiares, sociais e culturais.

Como podemos observar, Adelman (2003) fala que o preconceito está mais arraigado na cultura do que nas instituições esportivas e que a família é portadora dessa cultura que dificultam o avanço das meninas nesses esportes que exigem um contato físico considerável atrapalhando em sua iniciação e também em seu treinamento. Cita também Bordo, que diz que a busca da feminilidade (podendo ser entendida também como “estética da limitação”) ainda é apresentada como o mais importante caminho para a aceitação e sucesso das mulheres em nossa cultura e “a feminilidade é produzida através da aceitação de restrições, da limitação da visão e da escolha de uma rota indireta. É uma estética forte que se constrói em cima do reconhecimento da falta do poder, é uma estratégia de sobrevivência baseada nas concessões abertas e na imposição de restrições” e o corpo feminino é padronizado segundo seu tamanho (altura, corpulência), forma (curvas, firmeza ou ausência de musculatura), postura e movimento.

Embora hoje em dia já não existam mais barreiras legais que impeçam mulheres a praticarem determinados esportes, o sex-typing dos esportes é uma prática muito corrente rotulando estes como mais ‘masculinos’, mais ‘femininos’ ou mais ‘unissex’ e de acordo com a fala de algumas jogadoras de vôlei, podemos perceber que elas desenvolveram uma estratégia defensiva em relação a esses esportes ‘masculinizantes’ e atletas que transitam nesse espaço como as jogadoras de handebol, procuram também uma forma de fortalecer sua própria feminilidade apesar de saberem que muitas vezes precisam ‘abrir mão’ de algumas coisas devido às exigências para a prática desse esporte.

Farias et al (2017) diz que as questões de gênero que estão embutidas no esporte acaba categorizando as práticas com viés masculinos e femininos apontando dessa maneira, que caminho cada sexo deve seguir e embora esses apontamentos sejam feitos por uma sociedade patriarcal, ainda hoje são seguidos por muitos que acham que isso não deve ser modificado.

Goellner (2006) descreve que o corpo feminino que foi modificado excessivamente devido ao exercício físico e ao treinamento contínuo sofre algumas atribuições como características viris que questionam além de sua beleza e feminilidade, a autenticidade de seu sexo, pois o homem (seu corpo e comportamento) é um modelo e as mulheres acabam sendo julgadas a partir desse modelo de corpo, sendo estigmatizadas quando ultrapassam os limites que lhes foram impostas.

E como uma possível resolução para essa problematização, Tenroller (2004) notifica “o quão importante é a prática de atividades físicas realizadas por ambos os sexos na escola, pois contribui para alterar o quadro cultural existente,

já que as diferenças são trazidas pelos próprios alunos ao chegarem à escola”, pois aprenderam com seus pais que sempre são muito protetores com as meninas restringindo-as de atitudes mais ‘masculinizadas’ e desencorajando-as a assumirem certas posturas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de vários estudos aqui apresentados, podemos perceber que o esporte é um campo de práticas generificado e generificador e o handebol e o voleibol são exemplos de esportes que sofrem dessas práticas, pois o fato de uma modalidade ter contato pode caracterizá-lo como mais violento e agressivo, como no caso do handebol, e potencialmente masculinizantes e em contrapartida em esportes sem contato, como no caso do voleibol, por em seus fundamentos possuir movimentos considerados mais delicados, é comumente caracterizado como um esporte mais feminino.

Então podemos concluir que para tentar minimizar esse cenário atual da generificação esportiva, algumas ações como realizações de atividades físicas e práticas de diversas modalidades sejam realizadas por ambos os sexos, pois essas crianças tendo um contato maior com esses esportes poderão desconstruir aos poucos essa cultura arraigada que lhes foram passadas, diminuindo assim a longo prazo, essas generificações dentro e fora das quadras. Em relação aos atletas trans, quanto a sua legitimação na prática esportiva, ainda se tem muitas opiniões divergentes, pois alguns autores acreditam que elas não estão aptas a participarem, como por exemplo no caso de Tiffany, pois sua maturação sexual ocorreu totalmente como homem e ela mudou de sexo com 32 anos possuindo dessa maneira algumas vantagens em relação as demais jogadoras e outros autores como Paes e Moas (2018) não acreditam que essa jogadora tenha quaisquer vantagens pois se for levado em consideração apenas os pontos marcados, sua marca é exorbitante, porém sua eficiência está abaixo de outras jogadoras renomadas como Tandara e Bruna.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ORIGEM DO VOLEIBOL. Disponível em: <<http://origemdascoisas.com/origem-do-voleibol/>>. Acesso em Janeiro 2019.

ADELMAN, M. Mulheres Atletas: Re-significações da Corporalidade Feminina. **Revista Estudos Feministas**. v.11, n.2, Florianópolis, Jul/Dez.2003.

ANDRES, S. deS. **Mulheres e Esporte: Handebol em Foco**. (Recorte de Projeto de Mestrado). Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2013.

ANDRES, S. deS. **Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e das atletas**. (Dissertação de Mestrado). 2014. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – Rio Grande do Sul.

ARRUDA, D.; JUNIOR, N. K. M. Estudos dos Fundamentos de Jovens Jogadoras do Voleibol Feminino. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**. v.9, n.56, p. 730-751, São Paulo, Nov/Dez.2015.

BOCCHINI, D.; MALDONADO, D. T. Futebol e Voleibol na Educação Física Escolar: quem pode jogar? **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Ano 1, v. 2, Nov. 2015.

CAGLIARI, M. de S. **Pedagogia no Esporte e TIC: Contribuições para o Ensino do Handebol na Educação Física Escolar**. (Dissertação de Mestrado). 2018. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias – Tecnologia nas Dinâmicas Corporais – Rio Claro.

CARVALHO, H.P.; OLIVEIRA, F. R.; SAMPAIO, T. M. V.; CARDOSO, F. L. Conflitos Entre a Orientação Sexual e a Orientação de Gênero na Identidade de Atletas Profissionais de Voleibol: a percepção de atletas homossexuais. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. v. 25, n. 2, p. 84-98. 2017.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/Esportes/handebol>>. Acesso em Novembro de 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL. **História do Handebol**. Disponível em: <http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=27174&moda=002&area=&ip=1>. Acesso em Agosto de 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. Disponível em: <<http://2018.cbv.com.br/>>. Acesso em Agosto de 2018.

Desempenho de Tiffany, a primeira atleta trans do vôlei profissional brasileiro, causa polêmica. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bu2hgm0fLNA>>. Acesso em Março de 2019.

DICIONÁRIO OLÍMPICO. Disponível em: <<http://www.dicionarioolimpico.com.br/voleibol>>. Acesso em: Agosto de 2018.

DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G.; SCHALLER, H. J. **Os Grandes Jogos Metodologia e Prática**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

EHRET, A.; SPÄTE, D.; ROTH, K. **Manual de Handebol: Treinamento de Base para Crianças e Adolescentes**. 1. ed., V. 2 – São Paulo: Phorte, 2002.

FARIAS, A. C. R.da; COELHO, N. P.; CARDOSO, B. L. C. **Questões de Gênero no Esporte: Uma Luta Fora das Quadras**. Disponível em: <http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/2017-S5A/02.pdf>. Acesso em Agosto de 2018.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE VOLLEYBALL. Disponível em: <<http://www.fivb.org/en/volleyball/index.asp>>. Acesso em Agosto de 2018.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE HANDEBOL. **História do Handebol no Brasil**. Disponível em: < <http://fphand.com.br/home/historia-do-handebol-no-brasil/>>. Acesso em Agosto de 2018.

FERNANDES, Y. E. **Preconceito e Diferença de Gênero no Âmbito Esportivo**. (Trabalho de Conclusão de Curso – Educação Física). 2016. Rio Claro.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. v. 1. 120p.

GOELLNER, S. V. As Práticas Corporais e Esportivas e a Produção de Corpos Generificados. In: Soares, G. F.; SILVA, M. R. S.; RIBEIRO, P. R. C. (Orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Problematizando Práticas Educativas e Culturais**. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

GOELLNER, S. V. **Corpo, Gênero e Sexualidade: Educando para a Diversidade**. In: OLIVEIRA, Amauri A. B.; PERIM, Gianna L. (Orgs.). Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009. p. 73-88.

GOELLNER, S. V. Gênero, Educação Física e Esportes. Do Que Falamos Quando em Gênero Falamos? In: VOLTRE, S. **Imaginário & Representações Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer**. RJ: Editora Gama Filho, 2001.

GOELLNER, S. V. **Imagens Da Mulher no Esporte**. In: PRIORE, M. D.; DE MELO, V. A. (Org.). História do Esporte no Brasil do Império Aos Dias Atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun.2005.

HISTÓRIA DO HANDEBOL. Disponível em: <<http://travinha.com.br/2011/02/01/handebol-a-historia/>>. Acesso em Novembro de 2018.

HISTÓRIA DO HANDEBOL NO BRASIL. Disponível em: <<https://handebolbh.wordpress.com/2009/06/14/historia-do-handebol-no-brasil/>>. Acesso em Novembro de 2018.

INTERNATIONAL HANDBALL FEDERATION. Disponível em: < <http://www.ihf.info/en-us/ihfcompetitions/worldchampionships.aspx>>. Acesso em Agosto de 2018.

JUNIOR, N. K. M. Evidências Científicas Sobre os Fundamentos do Voleibol: Importância Desse Conteúdo Para Prescrever o Treino. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**. v.7, n.37, p.78-97. São Paulo, Jan/Fev. 2013.

JUNIOR, N. K. M. Execução dos Fundamentos do Voleibol na Areia Embasado na Literatura Científica. **Revista Ciência do Movimento**. v.4, n.23, p.192-200, 2015.

JUNIOR, N. K. M. História do Voleibol no Brasil e o Efeito da Evolução Científica da Educação Física Brasileira Nesse Esporte. **Revista Digital EFDeportes.com**. Buenos Aires. Ano 17. n.170. Julho.2012.

JÚNIOR, W. M. “Sacando” o Voleibol: do Amadorismo à Espetacularização da Modalidade no Brasil (1970 – 2000). 282 f. (Tese de Doutorado) – Curso de Educação Física , Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MEZZAROBBA, C.; PIRES, G. L. Breve Panorama Histórico do Voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. **Atividade Física, Lazer & Qualidade de Vida: Revista de Educação Física**. Manaus. v.2, n.2, p.3-19, jul/dez, 2011.

Morning Show Joven Pan. Fefito até saiu do estúdio: pega fogo discussão sobre a jogadora de vôlei trans Tiffany Abreu. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-aEq8GGqoho> >. Acesso em Março 2019.

OLIVEIRA, J. E. C. Fundamentos técnicos do handebol. **Revista Digital EFDeportes.com**. Buenos Aires. Ano 17. N.177. Fevereiro.2013.

PAES, E. DE A.; MOAS, L. DA C. O Masculino, o Feminino e o Esporte – O Projeto de Lei João Nery e um Olhar Sobre a Jogadora de Vôlei Tiffany. **Revista Transversos**. n.14. 2018.

SILVA, P.; GOMES, P. B.; QUEIROS, P. Género e desporto: a construção de feminilidades e masculinidades. **Revista Digital EFDeportes.com**. Buenos Aires. Ano 11. N.90. Maio.2006.

TEIXEIRA, A. G. A.; MYOTIN, E. Cultura Corporal das Meninas: Análise sob a Perspectiva de Género. **Motriz**, v.7, n.1, p. 45-48. Jan/Jun.2001.

TEIXEIRA, R. de A. **A Mulher no Futebol: O Bullying e o Cyberbullying no Contexto de Género**. (Dissertação de Mestrado). 2016. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias - Tecnologias nas Dinâmicas Corporais – Rio Claro.

TENROLLER, C. A. **Futsal: ensino e prática**. P. 144. Canoas: ULBRA, 2004.

TENROLLER, C. A. **Handebol Teoria e Prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

Voleibol no mundo: reflexões (serenas) sobre o “Caso Tiffany”. Disponível em: < <https://esportes.r7.com/prisma/silvio-lancellotti/voleibol-no-mundo-reflexoes-serenas-sobre-o-caso-tiffany-15012018>> . Acesso em Março de 2019.